

BU-UFSC

RELATÓRIO

# ***Challenges of networking library services***

**Relatoras:**  
Gleide Ordovás  
Joana Carla Felício  
Tatiana Rossi

Florianópolis, 30 de setembro e 01 de outubro de 2013.

Local: Hotel Quinta da Bica D'Água

**Promoção e realização:**



**UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE SANTA CATARINA**

**Parceiros:**



**CENGAGE  
Learning**

**dot.lib**



tecnologia  
em arquivos  
corporativos



© 2013 UFSC

**Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC)  
Sistema de Bibliotecas Universitárias (BU)**

Campus Universitário,  
Acesso Trindade, Setor D  
88040-900 - Florianópolis, SC  
Fone: (48) 3721-9310  
Fax: (48) 3721-9603  
*Home Page:* <http://www.portalbu.ufsc.br>

**Reitora:**

Profa. Dra. Roselane Neckel

**Vice-reitora:**

Profa. Dra. Lúcia Helena Pacheco

**Diretora do Sistema de Bibliotecas da UFSC – BU/UFSC:**

Bibliotecária Dirce Maris Nunes da Silva (CRB 14/333)

**COMISSÃO ORGANIZADORA:**

**Finanças**

Daurecy Camilo  
Dirce Maris Nunes da Silva  
Fernanda Guimarães  
Madja Garcia Pereira da Silva

**Divulgação**

Cristiane Amabile Wartha  
João Oscar do Espírito Santo  
José Paulo Speck Pereira  
Madja Garcia Pereira da Silva

**Infraestrutura e logística**

Andréa Figueiredo Leão Grants  
Fernanda Guimarães  
Maria Gorete Monteguti Savi  
Yara Menegatti

**Secretaria**

Gleide Bitencourte J. Ordovás  
Joana Carla Felício  
Tatiana Rossi

**Suporte geral**

Karyn Mulyk Lehmkuhl  
Liliane Vieira Pinheiro

## SUMÁRIO

<b>1 ABERTURA .....</b>	<b>4</b>
<b>2 PALESTRA: APRESENTAÇÃO DA IATUL .....</b>	<b>5</b>
<b>3 PALESTRA: ONTARIO UNIVERSITY LIBRARY CONSORTIA ACTIVITY .....</b>	<b>6</b>
<b>4 PALESTRA: ADVOCACY IN ACADEMIC LIBRARIES &amp; COLLABORATIVE INFRASTRUCTURE OF LIBRARY STATISTICS IN AFRICA.....</b>	<b>8</b>
<b>5 E-RESEARCH SUPPORT INITIATIVE .....</b>	<b>11</b>
<b>6 PALESTRA: BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA CONECTADA: COMPARTILHAR, INTERAGIR, COMUNICAR .....</b>	<b>16</b>
<b>7 BRAINSTORMING.....</b>	<b>18</b>
<b>7.1 Resultados da primeira e segunda rodada de debate .....</b>	<b>19</b>
<b>7.2 Resultados da terceira rodada de debate:.....</b>	<b>21</b>
<b>8 TRANSLITERACY PROJECT .....</b>	<b>24</b>
<b>9 PALESTRA: DESAFIOS DO TRABALHO EM PROJETOS INTEGRADOS: EXPERIÊNCIA DA USP EM PARCERIAS INTERNAS E EXTERNAS .....</b>	<b>30</b>
<b>10 PALESTRA: CANADIAN RESEARCH LIBRARIES: A HISTORY OF COOPERATION.....</b>	<b>33</b>
<b>11 ADDRESSING ACADEMIC LIBRARIES CHALLENGES IN AFRICA THROUGH COLLABORATION.....</b>	<b>38</b>
<b>12 PALESTRAS: PROJETOS COLABORATIVOS NA UFSC.....</b>	<b>41</b>
<b>12.1 Indexação Compartilhada de Artigos de Periódicos (ICAP).....</b>	<b>41</b>
<b>12.2 Portal de Periódicos da UFSC.....</b>	<b>42</b>
<b>12.3 Ambiente de Acessibilidade Informacional (AAI).....</b>	<b>43</b>
<b>13 TROCA DE IDEIAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>47</b>

## 1 ABERTURA

Deu-se início ao Workshop com a apresentação dos objetivos do evento e a composição da mesa de autoridades para a realização da abertura oficial. Compuseram a mesa: Lúcia Helena Pacheco – Vice-Reitora da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (Brasil); Dirce Maris Nunes da Silva – Bibliotecária e Diretora do Sistema de Bibliotecas da UFSC – SiBi/UFSC (Brasil); Reiner Kallenborn – Presidente da International Association of Scientific and Technological University Libraries (IATUL) e Diretor da Technische Universität München Library (Alemanha). Em posição de respeito foi ouvido o Hino Nacional Brasileiro, e em seguida, o mestre de cerimônia fez menção as demais autoridades presentes: Agnaldo Pinto; Ana Maria Pereira, representando o Programa de Pós-graduação em Gestão da Informação (PPGInfo) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC); Gleisy Regina Bories Fachin, chefe do Departamento de Ciência da Informação (CIN) da UFSC; Kênia Raupp Coutinho, representando o Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC).

Em seu discurso de boas vindas, Dirce Maris Nunes da Silva, diretora do Sistema de Bibliotecas da UFSC, falou sobre o conceito de rede, o trabalho cooperativo, a gestão de novos conhecimentos e o cenário das bibliotecas universitárias brasileiras. Reforçou ainda o papel social das bibliotecas para o exercício da cidadania. Falou sobre o interesse da IATUL em trabalhar colaborativamente com as bibliotecas da América Latina e Caribe, e fez um convite para esta parceria promissora. Agradeceu a IATUL, na pessoa do Sr. Reiner, aos palestrantes convidados, aos parceiros, a equipe da organização do evento, bem como a todos os demais presentes.

Lúcia Helena Pacheco, Vice-Reitora da UFSC também falou sobre a importância de se discutir as bibliotecas em rede, e das relações que acontecerão a partir deste evento.

## **2 PALESTRA: APRESENTAÇÃO DA IATUL**

**Palestrante:** Reiner Kallenborn – Presidente da *International Association of Scientific and Technological University Libraries (IATUL)*; Diretor da *Technische Universität München Library* (Alemanha).

Falou sobre a proposta do evento e dos contatos realizados com a BU/UFSC, para viabilizá-lo. Apresentou um breve histórico da IATUL, fundada em 1955 na Alemanha, momento em que as universidades passavam por uma série de dificuldades. A IATUL conta atualmente com 200 membros de bibliotecas associadas, que trabalham a gestão bibliotecária, seu foco são bibliotecas universitárias, especialmente no que se refere a tecnologia. Promove anualmente uma conferência para diretores de bibliotecas universitárias. Falou da importância destes eventos para a troca de experiências. Citou alguns dos temas debatidos nas conferências já realizadas, tais como: cooperação, grupos de interesses, bibliotecas móveis, futuro das bibliotecas tecnológicas, armazenamento em nuvens, inovação. Destacou que a conferência realizada na África do Sul foi bastante relevante e teve como foco a colaboração entre bibliotecas e a administração. A próxima conferência será na Finlândia, com foco na medição, em aspectos bibliométricos.

Destacou que as bibliotecas enfrentam desafios muito parecidos, mesmo com a diferença de culturas e necessidades. A IATUL promove treinamentos para grupos de bibliotecários, oferece um programa de estudos internacionais, fornece subsídios para visitas em bibliotecas de outros países. Ressaltou que a comunicação é um grande desafio para conversar e compartilhar informação. A IATUL fornece uma plataforma para comunicação fechada. Tal plataforma apresenta um calendário, blog, área de discussão, enquetes.

Ressaltou que já foram realizadas algumas iniciativas de cooperação com a Unesco, que pode ser facilitadora na angariação de fundos para as bibliotecas. A IATUL vai continuar aprofundando estas parcerias, para realização de network bilateral e projetos conjuntos. As bibliotecas precisam cooperar mundialmente. A IATUL tem projetos desenvolvidos neste sentido para criar mais grupos regionais que tragam mais benefícios, possui grupos especiais, como, por exemplo, grupos de matemática, de competência da informação. Estes grupos falam sobre a temática, fazem pesquisa sobre padrões utilizados nas bibliotecas universitárias, sugerem

padrões para cursos sobre este tema nas bibliotecas. A IATUL está aberta para novas sugestões de temáticas e grupos de trabalho.

### **3 PALESTRA: ONTARIO UNIVERSITY LIBRARY CONSORTIA ACTIVITY**

**Palestrante:** *Gwendolyn Ebbett – Diretora da Library at the University of Windsor (Canadá).*

Falou sobre o consórcio de atividades de bibliotecas universitárias de Ontário. O consórcio começou como um grupo, em 1967, com encontros anuais, bastante produtivos. Formou-se uma rede de pessoas se juntando e conversando. Atualmente, tem-se conseguido aprimorar projetos, trocando e desenvolvendo ideias inovadoras, recursos de informação, programas de competência informacional. Possuem três milhões de dólares de orçamento, 21 bibliotecas universitárias, da província de Ontário. Desde as maiores com 60 mil estudantes até a pequena com 300 alunos. Todos trabalham juntos, colaborativamente. Cada uma paga uma taxa diferenciada. São promovidos encontros anuais ou falas pela Web. Possui um comitê executivo e três comitês de trabalhos. Comitê de recursos de informação; comitê de planejamento e avaliação; comitê portal acadêmico. O comitê executivo é formado por membros que vão solicitar financiamentos e projetos, mas as ideias vêm dos bibliotecários. O objetivo é colaborar com uma experiência de ensino de alto nível para os estudantes, acesso máximo aos recursos digitais da biblioteca, em qualquer lugar que se encontrarem. Com o projeto do portal acadêmico, conseguiu-se 30 milhões de dólares para a sua criação, visando prover um serviço que poderia colocar *online* de maneira local todos os periódicos. Já contam com um montante de periódicos *online*.

Gostariam de organizar um serviço de empréstimo *online*, para poder verificar empréstimos em outras bibliotecas. Também provem esses serviços para outras instituições. Há um serviço de referência virtual disponível das 8h as 22h, durante a semana. Atualmente são 13 bibliotecas participantes. São contratados estudantes de biblioteconomia para trabalhar no projeto. Trabalham com as duas línguas do Canadá. Existem interesses de outras universidades para trabalhar juntos. Recebem perguntas desde como ativar o cartão da biblioteca e atendem todas as bibliotecas das províncias. A maioria das perguntas é sobre pesquisas, se a pergunta é muito

complicada, marcam horário para atendimento presencial. Qualquer biblioteca inscrita coloca as informações nos servidores de Ontário.

Hoje os serviços e projetos são sobre gerenciamento de dados, ferramentas de acessibilidade, repositórios. Uma nova parte do projeto é chamada *Dataverse*. Trata-se de um banco de dados de pesquisa de indivíduos e organizações associadas com as universidades de Ontário compatível com o padrão de metadados *Data Documentation Initiative*. O usuário pode fazer o *upload* e controlar o acesso aos seus dados de pesquisa. Possui opções de visualização e de *download* em vários formatos. É possível controlar o acesso às pesquisas, autorizar quem pode ver os dados. Assim, cria-se um local seguro para depositar dados onde todos podem colocar os dados sem preocupação, usando servidores locais. O *Ontario Digital Library Research Cloud (ODLRC)* também promove a colaboração entre bibliotecas universitárias de Ontário para construir uma rede de computação, distribuída geograficamente, com alta capacidade de armazenamento usando comprovadas e escalável tecnologias de nuvem *open source*. Projetada para abrigar grandes volumes de recursos digitais para acadêmicos; permitir a preservação em longo prazo a um custo eficaz e sustentável e apoiar a mineração de dados e texto, utilizando ferramentas de pesquisa inovadoras projetadas em parceria com pesquisadores de toda a província. A participação na IATUL é importante, pois possibilita a parceria com várias instituições, proporciona uma voz internacional, temos contatos com vários bibliotecários, e parcerias e assuntos comuns.

### ***Perguntas e comentários:***

*Aline Michelle Sima (Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Minas Gerais - IFMG)* - Gostaria de saber se o acesso ao portal é liberado para todos do país inteiro. No Brasil os repositórios mais confiáveis não são totalmente abertos, porque são pagos.

*Sr. Reiner Kallenborn* – Na Alemanha existem os repositórios, os custos são com infraestrutura, e o orçamento é dividido, conforme as necessidades. O custo geral é de 3 milhões de dólares. Querem obter outros financiamentos, além da ajuda do governo, para não ter que usar computação em nuvem. Ter como pagar

infraestrutura e pessoal envolvido. É preciso ter um orçamento sustentável, não são todas universidades que farão parte de um projeto, antes dele funcionar realmente.

*Heloisa Helena Anzolin (Pontifícia Universidade Católica do Paraná - PUC-PR) -* Como os dados são acessados nas revistas? Deixamos claro para os pesquisadores que o *software* é de acesso aberto. Há uma política específica que todos precisam seguir. A informação precisa estar disponível, por conta do direito autoral precisamos da autorização dos autores. Se você pesquisou com verbas públicas, então esta pesquisa deverá ser depositada no repositório de acesso aberto. As políticas devem verificar estas questões.

*Sr. Reiner Kallenborn -* Se o aluno está fazendo uma pesquisa junto com um professor, como fica a questão dos direitos autorais?

*Sra. Gwendolyn Ebbett -* Não vamos nos meter nestas questões, deixaremos eles conversarem e decidirem entre si.

#### **4 PALESTRA: ADVOCACY IN ACADEMIC LIBRARIES & COLLABORATIVE INFRASTRUCTURE OF LIBRARY STATISTICS IN AFRICA**

***Palestrante:*** *Elisha Rufaro T. Chiware – Diretor das Cape Peninsula University of Technology Libraries (África do Sul).*

Sua explanação foi no sentido de compartilhar as experiências sobre advocacia em bibliotecas acadêmicas, nas bibliotecas na África do Sul. A apresentação foi dividida em três partes: a) uma introdução sobre o porquê da advocacia em bibliotecas; b) quais as abordagens que são utilizadas; c) como construir um banco de dados com uma infra-estrutura colaborativa.

Advocacia em bibliotecas significa dizer aos gestores que estatísticas em bibliotecas fornece a base para a tomada de decisões e uma boa ferramenta de *marketing*, a base para a análise do trabalho atual e comparação com os anos anteriores, a chave em um exercício de relações públicas para a biblioteca. Precisamos advogar com qualidade, para atingir o que se deseja. Há diversas abordagens para a advocacia em bibliotecas: guias e políticas – como, por exemplo, as questões do acesso aberto; institucional – refere-se a satisfação dos clientes,

perguntar aos clientes como se sentem com relação a biblioteca; operacional – envolvem as experiências dos usuários, a melhoria dos serviços; *benchmarking* com outras bibliotecas. São importantes indicadores, que mostram como está o comportamento da universidade.

Trata-se de fornecer informação relevante para a instituição verificar o que a biblioteca está fazendo. Pesquisas internas verificam opiniões dos usuários, sobre a biblioteca. A questão do plágio, com relação a publicação dos resultados das pesquisas, programas de revisão, etc... De uma forma geral, colabora-se muito com o corpo docente. Em termos de marketing, temos um papel importante, fornecendo informações juntos aos planos estratégicos das universidades, aliando nossos trabalhos aos da administração das universidades. Faz-se demonstração, por meio de feira, dos recursos que a biblioteca tem para a comunidade. Mostra-se para a comunidade como usar os recursos corretamente. Uma forma de estimular os alunos a ler, são os projetos de incentivo a leitura.

Construir bancos de dados possibilita guardar as estatísticas anuais, dá acesso a variados relatórios, várias possibilidades. As características do banco de dados são: *Source code PHP; Database MySQL; Minimal jsript; no cookies, flash animation, add-nos*. Algumas vantagens: forma segura de armazenar documentos; possibilidade de gerar relatórios; sistema de alertas automatizado; gerenciamento da documentação; ajuda. São utilizadas medidas de qualidade, de acordo com as seguintes fontes: *Measures For Quality In SA HEI Libraries / CHELSA; CHELSA Guide to the self review of University Libraries (2006); ISO (ISO 2789)*. O acesso é controlado por um administrador, que fornece as autorizações e configura as permissões de acesso, de acordo com os papéis de cada usuário.

Fez uma demonstração de entrada de dados no sistema de estatísticas. As estatísticas podem ser salvas no *Word*. O banco de dados fornece alerta por *e-mail*, para lembrar os relatórios que precisam ser gerados. Demonstrou exemplos de outros bancos de dados colaborativos. Ressaltou que é uma forma segura de manter os dados, não existe violações. Pode-se gerar relatórios relacionando dados de outras instituições que se tenha acesso, por meio dos bancos de dados colaborativos. Espera-se vender esta ideia para os colegas de outras localidades da África do Sul. Tem-se realizado *workshops*, demonstrando a importância dos dados estatísticos nas organizações, especialmente nas universidades.

### ***Perguntas e comentários:***

*Sr. Reiner Kallenborn* – De que forma estes bancos de dados pode ser aberto a todos? Quantas pessoas estão envolvidas? Haverá comitês destes complexos bancos de dados?

*Sr. Elisha Rufaro T. Chiware* - Começamos construindo bancos no Access, e descobrimos não ser eficientes. Procuramos outras maneiras, e então desenvolvemos um banco particular para nós. Na biblioteca permitiram que trabalhássemos com nosso pessoal, desenvolvendo. Agora estamos construindo uma capacidade maior. No momento, o banco de dados pertence ao conselho das bibliotecas do ensino superior, eles abrigam o sistema, no futuro teremos que ver onde vai ficar este banco de dados. Hoje é compartilhado, são 23 bibliotecas utilizando este banco de dados.

*Francisco Jonatan Soares (Universidade Federal do Ceara - UFC)* - Qual o caminho percorrido para construção dos indicadores? Vocês podem compartilhar estas informações publicamente?

*Sr. Elisha Rufaro T. Chiware* - Sim, podemos.

*Helena Schmidt Burg (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC)* – Quais vantagens estas estatísticas trouxeram para as bibliotecas?

*Sr. Elisha Rufaro T. Chiware* – A possibilidade de se comparar estatísticas com outras bibliotecas; pedir verbas; ajudar a justificar as necessidades; poder defender os interesses e poder fundamentar isso. Você pode dizer, neste orçamento estamos assim, mas para estar em tal nível, precisamos de um orçamento X. E também para ter um histórico das informações para o futuro.

*Sr. Reiner Kallenborn* - Entendi que todas as bibliotecas usam estes bancos de dados. Na África do Sul é diferente, mas há outros países que podem precisar deste trabalho, vocês vão fazer isso?

*Sr. Elisha Rufaro T. Chiware* - Acredito que vamos tomar este caminho. Vou viajar para Zimbábue, para tentar convencê-los.

A comissão organizadora entrega para os palestrantes, presentes típicos da região. É informado que terá visita orientada na biblioteca da UFSC às 19h, sendo que os interessados devem se inscrever na secretaria do evento.

## **5 E-RESEARCH SUPPORT INITIATIVE**

**Palestrante:** *Reiner Kallenborn - President of International Association of Scientific and Technological University Libraries (IATUL); Director of Technische Universität München Library (Alemanha).*

Abordou a pesquisa eletrônica (E-Research). Ressaltou a preocupação das bibliotecas com a próxima era. Elas existem há muito tempo e o que fizeram até agora? As bibliotecas são lugar de aprendizado para trabalhar em grupos ou sozinhos, mas há algumas décadas atrás, nem tanto tempo, com o uso da *Internet*, do *e-mail*, tornou-se possível formar grupos de especialistas na rede e compartilhar os dados de pesquisa. Criaram-se ferramentas para análise dos dados. Isto teve impacto nas bibliotecas e por isto tem-se que pensar a biblioteca para essa nova área de pesquisa eletrônica.

Não se tem mais mesas de serviço e os pesquisadores não vem mais até a mesa, eles falam uns com os outros por meio das redes sociais. Diminui a significância do empréstimo de livros e prestação de serviços. A Amazon mudou o foco. As bibliotecas irão emprestar livros por mais 10 anos e depois vai acabar. Comprávamos e emprestavamos, agora somos mediadores do acesso aos dados eletrônicos e de novo os editores abordam seus clientes. Um professor disse que foi abordado pela Elsevier sem intermédio da biblioteca. Presidentes e professores questionam o porquê da biblioteca?

Provemos indexação e catalogação automática dos materiais publicados, hoje compramos pacotes de livros eletrônicos e metadados. A biblioteca tradicional fornecia o serviço em uma caixa fechada, o mesmo serviço para todos. Nossos serviços eram receptivos, os clientes vinham até nós. Hoje eles querem ter independência de local e tempo. As bibliotecas estiveram sempre envolvidas com o ciclo de vida da pesquisa. Agora não bastam mais livros, precisamos de muito mais.

Nós, como diretores, temos que repensar as bibliotecas. O que é mais importante para nossos clientes? Nossas bibliotecas não existirão mais, desse modo, em 20 ou 30 anos. Há a necessidade de acompanhar o ciclo de pesquisa. Qual o *status quo* da pesquisa? Tópicos de pesquisa? Preparação de uma agenda? Preparação de recurso? O que o pesquisador quer fazer? Angariar fundos? Podemos ajudá-los, através de artigos, conhecer autoridades que auxiliem com financiamentos, captura de dados, publicações de dados científicos. Estamos começando a estabelecer estes estágios. Tudo isto tem a ver com fatores para ranquear. No início da conferência falamos sobre isto. A biblioteca existe porque temos uma estrutura para alcançar a excelência. Devemos fornecer serviços de excelência. Nós temos que ir até os usuários e perguntar o que eles querem. Não temos tanto recurso, mas temos que questioná-los. Qual nossa ambição? Queremos ser flexíveis? ter fontes genéricas? Ter abordagem holística? Acompanhar todo o ciclo da pesquisa?

Isto também significa que teremos que mudar o foco. A catalogação vai se aposentar e ser transferida para a tecnologia da informação. Fizemos isto durante os últimos 10 anos. No fim de 1990 havia uma nova gestão chegando. Queriam integrar grupos de trabalho entre departamentos de acordo com a ISO 9001, nossos processos de trabalho estão transparentes. Antes disso, cada um fazia algo diferente, agora tem um processo padronizado, tem orçamento global e é mais flexível. No novo departamento para consultoria em competência informacional, tem 5 ou 6 pessoas programando *softwares*. Isto só foi possível porque estamos repensando a biblioteca. Este foi o início do nosso projeto de pesquisa eletrônica.

Queremos encaixá-lo na IATUL. O que ocorreu nos últimos dois anos? A pesquisa eletrônica. O que a gente quer? Fornecer uma infraestrutura para pesquisadores, queremos modelar (trabalhamos com *software* com camadas múltiplas) e escalável. Estrutura-se as informações que são entradas pelos pesquisadores físicos. Havia uma época que os pesquisadores nos olhavam de cima. Hoje a biblioteca organiza os dados de pesquisa dos departamentos. Queremos fornecer plataforma para grandes e pequenas pesquisas. Devemos fornecer ferramentas para o time de pesquisa. O foco está no grupo de pesquisa. A abordagem pela necessidade do cliente. Os *softwares* precisam se adaptar ao sistema, serem modulados, flexível. O pesquisador buscou o mundo por uma ferramenta e não encontrou. Então, ele senta com os técnicos e criam uma ferramenta. Eles publicam, eles querem visibilidade, serem louvados pelo seu

trabalho, fazer análise do trabalho, nosso projeto é muito mais. Talvez tenhamos casos que podemos jogar fora, o *background* de todos é que nós sempre fomos os *experts* em informação organizacional. Novamente *networking* é a ferramenta, a gente só pode participar se muitas bibliotecas unirem forças. Se uma biblioteca for fazer é difícil, se unirmos com outras poderemos conquistar muito mais. Ainda queremos fornecer *softwares* e infraestrutura que estarão presentes em 10 anos ou mais. Queremos fornecer ferramentas especiais. Queremos nosso público alvo como o time que elabora o projeto com ferramentas especializadas, uma arquitetura de camadas múltiplas. O líder de um grupo de pesquisa fornece esta ferramenta para um analista de sistemas que tenta filtrar os aspectos genéricos. A gente cria um módulo separado que pode ser usado por outros. Analisamos o que quer que façamos e seus desejos, e então, produzimos uma ferramenta mais especializada que poderão utilizar. Podemos ter muitos módulos genéricos que podem ser usados por todos, mas a interface de nosso sistema e do pesquisador é particular.

Temos bibliotecários que administram a informação, a tecnologia, os programadores, relação com empresas comerciais. Cooperamos com cadeiras da ciência da computação da universidade é necessário para trabalharmos como parceiros. O maior desafio é a colaboração e cooperação. A cooperação possibilita entregar mais rápido com custo menor.

Você se sente inspirado, há energia colaborativa, mas o sucesso depende da extensão de que os parceiros precisam apontar para o mesmo objetivo, então há alguns aspectos que precisam se encaixar. No topo está a colaboração que precisa de boas parcerias. É preciso ser paciente. Alguns meses atrás teve um workshop em que diretores bibliotecários se questionavam: Como pode-se colaborar em projetos? Quais as expectativas? Quais as prioridades? Na nossa universidade pedimos aos nossos parceiros: O que querem? Como vocês lidam com objetos digitais? Colocam aonde? Como postar seus documentos? Depois analisamos as respostas e estabelecemos pacotes de trabalho que nossos pesquisadores estão trabalhando neste momento.

Temos muitas exigências relacionadas a comunicação. Desde o começo como bibliotecário sei que não é fácil a comunicação com os pesquisadores e precisamos ter uma estrutura. Este pesquisador vem buscar o serviço e oferecemos os novos serviços, por meio do telefone, *chat*. O bibliotecário entrega a requisição ao bibliotecário responsável ao corpo docente que pesquisam o *status quo* da pesquisa

e criam um plano para acompanhar o projeto de pesquisa até o final. Outro desafio é a comunicação com os parceiros, as bibliotecas envolvidas, a comunicação é importante para não fazer trabalho duplicado. Existem grupos para pesquisa eletrônica. As bibliotecas devem ser mediadoras. O terceiro ponto é a comunicação dentre os membros do grupo de pesquisa porque um está em Hong Kong, outro em Munique, outro em Florianópolis, e precisam fazer anotações e trabalhar o mesmo grupo de dados.

Temos vários grupos de trabalho. Nem toda biblioteca tem possibilidade de desenvolver um departamento de desenvolvedores. Se não tiver, podem se beneficiar com esta iniciativa, porque estamos pensando em fornecer este serviço, uma consultoria de como atuar neste tipo de projeto. Outro parceiro nosso é a Biblioteca da Universidade das Forças Armadas, nós provemos o servidor, o especialista de *software*, fornecemos ferramentas, eles trazem outras *expertises*. Tem *software* para controle de acesso, planejamento de orçamento de projeto e solicitações. Ficaremos felizes por receber parceiros e ter parceiros que façam conosco.

### ***Perguntas e comentários:***

*Dirce Maris Nunes da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC) - Em que aspecto pode-se colaborar enquanto bibliotecário?*

*Sr. Reiner Kallenborn - Começa-se com um grupo de trabalho para pensar um padrão de habilidades que se possa acompanhar um projeto de pesquisa. Seria muito importante ter mais pessoas ajudando a pensar sobre isto. Como os pesquisadores pensam? Como trabalham? Muitos não sabem como os pesquisadores trabalham, como fazem pesquisa. Como se comunicar com um pesquisador ou professor? Quais as habilidades para um bibliotecário estar envolvido com a pesquisa eletrônica? Visualizar seus dados de pesquisa, em gráficos? Qualquer biblioteca que queira se juntar a nós dá uma olhada em qual a sua *expertise*. Uma biblioteca moderna é um *playground* para um cientista.*

*Dirce Maris Nunes da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC) - Vocês irão dar a ideia para o tipo de ajuda que precisamos? Quais as áreas que*

precisamos para montar padrões e pesquisas? Que tipos de grupos devem ser formados?

*Sr. Reiner Kallenborn* - Precisamos de 5 a 10 pessoas *experts* vindas de diversas bibliotecas para se comunicarem e intercambiar ideias. Um grupo está trabalhando sobre a transcompetência informacional, por exemplo, no estabelecimento de padrões para a competência informacional. O que precisam saber para reformatação, transferência de suportes para tratamento da informação a longo prazo (pdf, pdf/A). Já temos muitas ferramentas, mas estamos no começo. Tudo que vier tem a ver com a nossa criatividade. Se tiverem ideias formamos um grupo.

*Cristiane Camizão Rokicki (Centro Universitário SENAC/SP)* - Como se dá o processo da informação? É restrito a um grupo de pesquisa ou fica aberto para todos? Como se dá o desenvolvimento da pesquisa e o acesso? Por categorias ou maiores grupos? Como é disponibilizado para o público? Acaba o projeto e o resultado é a parte?

*Sr. Reiner Kallenborn* - Os resultados das pesquisas dependem muito do pesquisador. Os dados são muito sensíveis, são abertos, mas não são públicos. O pesquisador não vai querer disponibilizar porque ainda é segredo, ele consegue controlar individualmente o banco de dados podendo disponibilizar o que a quem. Queremos divulgar, propomos uma plataforma de acesso aberto. Quando tento explicar ao reitor de física sobre a iniciativa, ele diz: Sabe o que quero ter? Quero ter todos os dados, além das teses, quero ter linkado tudo o que o pesquisador usou para elaborá-la. Este reitor de física é professor de física atômica, queria seguir um periódico, acompanhar a linha do tempo do trabalho de cada aluno. Hoje meu aluno fez este experimento, com estes resultados e criamos esta estrutura. De nossa parte tudo é aberto, pode ser baixado.

*Célia Regina Simonetti Barbalho (Universidade Federal do Amazonas – UFAM)* – A participação é no início ou no desenvolvimento da pesquisa?

*Sr. Reiner Kallenborn* - No início, para que a gente possa participar de todo o projeto, temos *expertise*, somos eficientes em competência informacional e este

seria o início. Queremos que a infraestrutura seja usada. Queremos estar com os pesquisadores desde os primeiros rascunhos.

## **6 PALESTRA: BIBLIOTECA UNIVERSITÁRIA CONECTADA: COMPARTILHAR, INTERAGIR, COMUNICAR**

**Palestrante:** *Paula Maria Abrantes Cotta de Mello – Bibliotecária e Coordenadora do Sistema de Bibliotecas e Informação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – SiBi/UFRJ (Brasil).*

O advento da *Internet* impactou sobremaneira as bibliotecas universitárias. Houve uma potencialização das redes. Ilza Feijó contextualizou o que é um trabalho em rede: “considerado uma forma de aliança essencial para expansão dos serviços prestados em Unidades de Informação...”. A *Web* é participativa e proporciona uma expansão de relacionamento com o usuário, melhoria da comunicação, participação do usuário com a biblioteca. Há diversos tipos de redes: redes de compatibilização da informação – RCI (*WorldCat*, CCN, Anais); redes de processamento da informação (Pergamum, Minerva, Bibliodata); redes de serviços de informação (COMUT, CBIES, CRUESP); redes de informação especializada (REDUC, REBAP, ISTECH); redes de informação digital - RID (BDTD, CAPES). Desta forma, pode-se categorizar em dois grupos: redes que trazem aprimoramento e melhoria da comunicação (*blogs*, *Twitter*, ferramentas voltadas ao compartilhamento do conhecimento, *tags*, *folksonomia*, entre outros). Tipos de redes que participamos: Pergamum, *Blogs*, CBBU, REDARTE, entre outras.

As áreas tendem a se organizar em redes temáticas. Serviços técnicos em redes técnicas e colaborativas e em redes sociais. As redes sociais promovem a interação com o usuário; as cooperativas possibilitam compartilhar; os serviços de busca e recuperação identificam recursos; redes associativas envolvem associações.

O *Facebook*, por exemplo, possui 800 milhões de usuários ativos no mundo. Houve uma expansão do *Facebook* pelo mundo em relação a outras redes sociais. Há uns 5 anos atrás o site da biblioteca satisfazia a comunicação, hoje não, o blog é mais ágil e mais eficiente para abrir os canais de comunicação. Tem sido muito usado no Brasil. A maioria das bibliotecas já tem o *Twitter* como uma ferramenta ágil, para interagir e fazer suas divulgações. Na UFRJ o *Twitter* possui mais de 4.000

seguidores e tem sido uma ferramenta muito boa, de forma direta e aplicada nos eventos. Temos projetado o *Twitter* na parede dos eventos. O *LinkedIn*, apesar de ser uma ferramenta voltada ao profissional tem um alcance bem grande com mais de 225 milhões de usuários no mundo, 9 milhões no Brasil.

No caso brasileiro, nosso Portal de Periódicos da CAPES, não podíamos deixar de citá-lo, quando veio em 1999 mudou completamente o modo de pesquisa. Até 2000, comprávamos periódicos em papel o que era caro e não havia nacionalização de recursos, na mesma universidade existiam duas ou três assinaturas, tínhamos problemas com entrega. Trabalhava-se com aquisição centralizada, mas era terrível. Quando surgiu o Portal de Periódicos da CAPES, fizemos levantamento local, regional e nacional, daí teve o financiamento para a compra em papel e depois *online*. Foi um choque especialmente entre professores e pesquisadores. O Portal disponibiliza atualmente mais de 35 mil periódicos com texto completo, 130 bases referenciais, 11 bases dedicadas em patentes e outras de livros. O acesso é livre e gratuito dentro dos IPs das universidades e por acesso remoto mediante o uso de senha. As universidades têm contrato e podem acessar em qualquer local do mundo em qualquer hora. Há também acesso por contrato com instituições privadas. O Portal Capes chegou hoje a 407 centros de pesquisa e universidades em 2012. Em 2003 haviam 97.

Paula apresentou alguns números do sistema de bibliotecas universitárias da UFRJ, instalações, ferramentas como *blog*, *Facebook*, *chat*, *site* e *Twitter*, estatísticas de acesso e usuários atendidos e enfatizou que somos responsáveis por aquilo que cativamos. Isto é, a partir do momento que implantamos um serviço, temos que garantir a atualização permanentemente. A perda da credibilidade é instantânea, se o usuário não for atendido a tempo e a gosto.

Foi realizado um levantamento dos serviços mais utilizados nas bibliotecas do sistema da UFRJ em 94, 2004 e 2012. Chamou atenção para as mudanças nos tipos de consulta com o advento da *Internet*. A consulta às bases de dados internacionais era cobrada por hora, a rede era horrível, não se tinha *Internet*. Agora com o Portal Capes, tem-se o resultado imediatamente. A catalogação é feita em rede pelo *software Aleph*, todos alimentam o mesmo catálogo (chamado base Minerva).

A tendência hoje é a conectibilidade. Está começando a se fazer programabilidade. Programamos sem nos darmos conta. Quando baixamos

aplicativos estamos programando. O usuário fala com quem quer, onde quer e como quer. Como a biblioteca pode se preparar para isto? Poderia a biblioteca programar as principais fontes de informação para um determinado grupo de pesquisa, daí eles baixam o aplicativo e passam a receber as informações? Um aplicativo do serviço de empréstimo que informe os usuários do dia que necessitam devolver o material? Isso implica em capacitar as pessoas, temos que nos modernizar.

Os desafios para as bibliotecas universitárias atualmente são: aumentar a participação em redes; melhorar infraestrutura de redes nas instituições; capacitar profissionais; participar de novas redes cooperativas, colaborativas e associativas. Nossa participação internacional é ínfima. Temos cooperações nacionais, e muito pouco. Podemos organizar capacitações e eventos em conjunto com a Estadual do Rio porque pensamos cooperativamente e estamos próximas. É válido a IATUL mostrar como podemos colaborar aqui no Brasil. Mas, há uma dificuldade no Brasil de ordem institucional. Não conheço a rotina das bibliotecas universitárias privadas, mas as públicas precisam ter apoio institucional. Precisaria que a universidade se comprometesse para ajudar com as viagens, por exemplo. Pode-se usar o poder de convencimento mostrando que é importante, mas a legislação é complicada. Para comprarmos uma ferramenta de descoberta, não conseguimos mostrar o quanto é vital para a pesquisa. A possibilidade de buscar em várias bases ao mesmo tempo, filtrando com excelência. Esbarramos na lei, porque a lei de aquisição é a mesma para quem vende água e para a universidade. Vivemos nesta batalha.

## **7 BRAINSTORMING**

Nesta etapa da programação os participantes foram divididos em grupos de sete a oito pessoas e foi apresentada a metodologia do *Brainstorming*. Cada grupo recebeu três questões para debater e elegeu, logo no início, uma pessoa no grupo para ser a relatora das discussões. Além disso, cada grupo teve uma pessoa [integrante da comissão organizadora do evento] como *host* para monitorar o tempo do debate e mediar à discussão, no sentido de garantir que todos os integrantes do grupo tivessem oportunidades para falar. Ocorreram três rodadas de debate, sendo que a primeira rodada foi de apresentação dos integrantes da mesa (nome, instituição) e das expectativas em relação ao evento, a temática. Na segunda rodada foram propostas questões iguais para todos os grupos discutirem. A questão da

terceira rodada de discussão era diferenciada para alguns grupos. Após as discussões nos grupos de trabalho, os relatores socializaram os resultados com o grande grupo. Simultaneamente um integrante da comissão foi registrando, utilizando-se da ferramenta *Wordle*, as palavras-chaves que foram surgindo nos relatos, a fim de criar uma nuvem de *tags* (*tag cloud*) e visualizar a maior incidência de temas debatidos. O resultado pode ser visualizado na Figura 1, abaixo:

Figura 1 – Nuvem de *tags* realizada no *Workshop “Challenges of networking library services”*



Fonte: Resultado de discussões (*Brainstorming*) no *Workshop “Challenges of networking library services”*. Florianópolis, 2013.

## 7.1 Resultados da primeira e segunda rodada de debate

**Questões:** Quais as expectativas [em relação ao evento, ao trabalho em rede]? Quais os principais desafios para as bibliotecas universitárias? Como o *networking* entre as bibliotecas pode contribuir para o enfrentamento destes desafios?

Mesa (*Host*: Tatiana)

Os principais desafios para as bibliotecas universitárias: troca de experiências entre as bibliotecas; ampliar relação docente/biblioteca; modelos de negócio de aquisição de *e-books*; rede lógica de comunicação; plataformas iguais; estrutura física e tecnológica; compras compartilhadas, melhor relacionamento e inserção nas decisões da Capes; capacitação continuada; ter uma lista de competências profissionais, juntamente com um banco de dados.

Mesa (*Host*: Yara)

O grupo entendeu que é preciso verificar os processos. As instituições que já trabalham em rede precisam verificar seus processos para melhorar. A expectativa em relação ao *workshop* era de ver o que está sendo feito lá fora. Mesmo no país têm-se boas iniciativas, e por isso, propõe-se inicialmente criar uma rede nacional, rede de compartilhamento do que já existe entre nós. Aproveitando a iniciativa da África do Sul, criar um banco de relacionamento com estes membros que estão aqui. Os bibliotecários também necessitam desenvolver outras habilidades e buscar novos conhecimentos.

Mesa (*Host*: Gleide)

As expectativas em relação ao evento foram de saber mais sobre a IATUL. Uma questão a ser enfrentada pelas bibliotecas é o combate aos preços altos das assinaturas de *e-books*, e a aquisição de pacotes fechados. As bibliotecas têm o direito de escolher o que necessitam adquirir, o que atende melhor as suas comunidades. É preciso maior investimento para complementar as bases de dados, maior apoio dos órgãos de classe, a educação a distância também precisa de atenção por parte das bibliotecas. As bibliotecas precisam de recursos e capacitação. Levar a educação é importante, mas tem que ter estrutura. É preciso capacitação profissional, há uma dificuldade na formação, necessita-se de políticas de incentivos para mestrados profissionais.

Mesa (*Host*: Joana)

Expectativas do grupo são: firmar parcerias internacionais, fortalecer o trabalho integrado e compartilhado nas bibliotecas universitárias, conhecer pessoas aprender a trabalhar em rede, incrementar a cooperação, mobilizar e incentivar pessoas, conhecer mais sobre gestão de unidades de informação internacionais. Desafios: orçamentos insuficientes, pessoal reduzido, assimetria de gestão, mudança no perfil do usuário, dificuldade de institucionalizar o sistema ou a biblioteca, dificuldade de operacionalizar a aquisição, necessidade de assumir competências que não são da área, falta de indicadores padronizados, problemas com o setor de tecnologia da informação (TI), falta de continuidade das ações empreendidas na instituição. As redes podem ajudar na redução de custos, na formação de grupos de trabalhos específicos, eliminação de fronteiras do conhecimento com a cooperação de catálogos *online*, cooperação interinstitucional,

compartilhamento de *expertises*, estabelecimentos de parcerias, criação de redes temáticas que impulsionam positivamente os trabalhos das bibliotecas, qualificação do profissional, melhoria e inovação contínua dos serviços, propiciar encontros para trocas de experiências.

Mesa (*Host: Gorete*)

Desafios: cooperação de catalogação, mapeamento do novo usuário (quem é este usuário?), produção intelectual e restrições de acesso. Que tipo de suporte pode ser fornecido: trabalho de lideranças, boas práticas, gestão (estatísticas/dados para subsidiar a tomada de decisão), profissional múltiplo.

Mesa (*Host: João*)

Para se fortalecer e desenvolver esta estrutura de trabalho em rede é preciso fortalecer a comunicação entre as bibliotecas. Usar as listas de discussão para socializar as melhores práticas, soluções que deram certo, encontrar parceiros. Criar grupos de trabalho, desenvolver inovações. Ver de que forma a IATUL por meio das experiências deles podem nos ajudar, e o que o Brasil pode contribuir. Precisamos conhecer mais os projetos da IATUL.

Mesa (*Host: Andrea*)

Estabelecer melhor comunicação entre pesquisador e bibliotecário. Estar mais atento as necessidades do pesquisador. Conhecer melhor a realidade do usuário, conhecer o que outras bibliotecas estão fazendo. O que temos localmente, tentar organizar nacionalmente para depois pensar internacionalmente. Tentar romper mentalidades fechadas dos profissionais. Abrir seus horizontes.

## **7.2 Resultados da terceira rodada de debate:**

**Questão 1: Em seu trabalho como diretor, em qual domínio [área de atuação] um *networking* internacional entre bibliotecas poderia contribuir, e fazer a diferença? O que seria necessário para você se tornar membro ativo da IATUL?**

Mesa (*Host: Andrea*)

Em relação à contribuição da rede compartilhada, poderia contribuir principalmente para o enriquecimento do conhecimento nas instituições, a troca de experiências. Diminuição de custos, tempo e espaço. Para se tornar um membro ativo da IATUL é necessário convencer os membros das instituições da importância de participar desta rede. Para isso é preciso ter argumentos, então é preciso ter mais conhecimento sobre a IATUL, aprofundar esta discussão. Os bibliotecários precisam compartilhar as informações e as experiências, continuar as discussões sobre esse assunto, em listas de discussão, páginas do Facebook, etc... Uma sugestão para se tornar membro importante é colocar um representante no Brasil para discutir junto, e trocar ideias.

Mesa (*Host*: Gleide)

As trocas de informações estratégicas, a inovação tecnológica e o conhecimento por excelência são benefícios que um *networking* poderia contribuir. Para se tornar um membro ativo da IATUL é necessário uma maturação sobre o que é a instituição, quais os objetivos, produtos e serviços oferecidos, análise das vantagens e benefícios de se associar. Em que a IATUL nos representará e o que a IATUL busca dos bibliotecários brasileiros? Qual o interesse da IATUL no Brasil?

Mesa (*Host*: José Paulo)

Fazer compartilhamento das experiências que já possuímos. Construir o banco de dados acessível em rede com informações das universidades, para todos se beneficiarem, a exemplo do banco de dados da África do Sul. O grupo fez questionamentos ao Sr. Reiner, sobre a filiação da instituição. Gostaríamos de compartilhar experiências e poder contribuir em rede internacional.

**Questão 2: Que tipo de suporte/ apoio um *networking* internacional entre bibliotecas poderia proporcionar? O que seria necessário para você se tornar membro ativo da IATUL?**

Mesa (*Host*: Joana)

Em relação ao tipo de suporte e apoio que uma rede internacional de bibliotecas poderia fornecer: promoção para visibilidade internacional, ações que eliminem ou minimizem as barreiras lingüísticas, propiciar troca de experiências num

plano maior que o nacional, propiciar a inserção das bibliotecas universitárias brasileiras em projetos internacionais. Apoio da instituição para ser membro da IATUL, protocolo de intenções em língua portuguesa esclarecendo os direitos e deveres de ambas as partes.

Mesa (*Host: Gorete*)

Compartilhar as boas práticas para a gestão da tomada de decisão. Novo perfil do profissional.

Mesa (*Host: João*)

Gostaria de conhecer os projetos que estão em andamento na IATUL, para entender melhor os processos e verificar de que forma poderíamos nos inserir e atuar. Ainda falta mais conhecimento para entender melhor como se dá esse processo, ampliar o conhecimento a respeito da IATUL.

**Questão 3: Como um *networking* em bibliotecas latino americanas poderia fazer a diferença para as bibliotecas universitárias? O que seria necessário para você se tornar membro ativo da IATUL?**

Mesa (*Host: Tatiana*)

Entendemos ser importante o *networking* para a troca de experiências em rede, serviços cooperativos, poucos conhecemos o que está sendo feito nas bibliotecas universitárias da América Latina e acreditamos que elas também pouco conhece o que se faz aqui no Brasil. A BU/UFSC já é membro da IATUL, e o que nos levou a firmar esta parceria foi a capacitação de recursos humanos, porém, os demais membros da mesa, do grupo de discussão, também propõe um protocolo em língua portuguesa para ser discutido entre suas instituições.

Mesa (*Host: Yara*)

A criação de grupos de trabalho seria importante para interagir e conhecer o que acontece lá fora. Contribuiria também para a união dos profissionais bibliotecários para dar maior visibilidade para os projetos. Seria um meio de angariar recursos, já que as bibliotecas estão sempre com dificuldades de angariar recursos, elaborar projetos. Para se tornar um membro ativo da IATUL seria necessário

adquirir uma cultura de compartilhar. No Brasil, tem-se uma cultura de competir, guardar para si. A IATUL poderia nos ajudar a aprender a cooperar e trabalhar em rede, aprender esta cultura.

Sr. Reiner Kallenborn fez alguns esclarecimentos das questões que foram levantadas no debate:

A IATUL é uma associação para facilitar o trabalho entre as bibliotecas. Pensou-se em um *networking* regional, ampliar o regional e virar nacional. Isto poderia ser regional também. Mas, pode-se desenvolver e utilizar a IATUL como facilitador, para ajudar no que puder, no compartilhamento. Nós temos estrutura para isso. Se vocês têm conteúdo, vamos compartilhar. Assim que funciona, a IATUL está aqui para isso. Em outros eventos isso ocorreu, foram criados grupos de interesses, e a IATUL dá o suporte. A IATUL é um grupo para compartilhar experiência e trocar ideias. É isso que ela tem para oferecer. Trata-se de uma associação internacional global. Vocês tem desafios específicos, o que é um desafio para nós. Vocês são importantes para nós, para que a IATUL se torne mais global. Vocês vão trazer suas experiências para o restante do mundo.

Mestre de cerimônias passa as últimas informações. Sobre a visita orientada. Agradece a presença de todos.

## **8 TRANSLITERACY PROJECT**

***Palestrante:*** Reiner Kallenborn - *President of International Association of Scientific and Technological University Libraries (IATUL); Director of Technische Universität München Library (Alemanha).*

As bibliotecas para se voltarem aos clientes precisam correr alguns riscos. Há uma diferença entre a comunicação do século XXI, com a do século XX, XIX. Hoje existem ferramentas como os “favoritos”, o Google, as Wikis, o YouTube, o Twitter, e devemos utilizá-las. Deve-se adaptar, pois se perdermos esta informação não conseguimos atingir as pessoas que desejamos. Temos os meios, mas utilizá-los não é tão óbvio assim. Estamos trabalhando na frente de várias telas ao mesmo tempo, fax, TV, estante de livros, muita informação, em diferentes canais de comunicação. A gente deve ter a habilidade de utilizar estes canais. Para ser

excelente no trabalho temos que ser práticos, isso significa usar todos estes canais. Especialmente nas bibliotecas, devemos considerar o rápido desenvolvimento da tecnologia, porque somos exigidos nesse sentido. Devemos fornecer isso aos nossos clientes.

Os aplicativos móveis também estão se tornando muito importante. A Web 2.0 nos dá muitas opções que não tínhamos a dez anos atrás. Temos os nativos digitais e os imigrantes digitais. Os nativos digitais crescem com computadores, vivem no espaço cibernético. Há uma dificuldade na comunicação entre os dois grupos. A relação impresso *versus* digital, o impresso vai continuar, mas o digital será mais importante. Há também as pessoas que não tem acesso, a questão do isolamento social deve ser considerada. A fronteira digital pode nos levar a uma situação que alguns ficam perdidos porque não conseguem se comunicar através da *Internet*, criando problemas políticos e sociais. Quando anexamos um arquivo no *e-mail*, se for uma imagem, estamos perdidos, porque é muito grande, temos que escolher um formato menor. É importante conhecer os formatos utilizados nas mídias e nos aplicativos, conhecer a tecnologia, mais do que saber utilizá-la. Transcompetência informacional é isso, saber se comunicar, conhecer os comportamentos. A produção de um grupo especial de pesquisa, mídias escritas, impressas, virtual, habilidades de usar todas de uma forma profissional.

Reiner exemplificou com um vídeo do YouTube, que mostra um rapaz tentando enviar uma receita para sua avó e seus pais. Ele usa canais diferentes de informação, pois precisa, que chegue até eles. Então, utiliza o *e-mail*, *Twitter*, *Facebook*, telefone, *blog*, imprime, coloca no computador de sua empregada. É preciso estar atento para saber “o que” as pessoas preferem usar.

O foco aqui está na habilidade de identificar e lidar com as relações, a conexão entre mídia, canais de informação e pessoas. Tudo junto é agir com transcompetência. Além das barreiras da mídia, há muitas fases da transcompetência informacional, muitas facetas. No século XXI precisamos considerar que nossos usuários precisam do conhecimento digital, de mídia. O que isso significa para a biblioteca? Não é nosso maior papel oferecer receitas, mas informação científica é importante. Nosso papel é habilitar nossos clientes, torná-los hábeis a compartilharem informação científica com os demais. Faz-se um grupo de pesquisa e temos o papel de treinar o usuário. Como nos comunicamos com nossos clientes? As bibliotecas tradicionais, talvez sejam um local meio chato para os

jovens, um aluno moderno é rápido, dinâmico, e no final tem poucas ideias do que a biblioteca pode fazer por ele. Numa biblioteca tradicional, têm-se os catálogos impressos, talvez seja estanho para alunos e clientes. Face a face é como fazemos a comunicação. Precisamos nos adaptar ao comportamento de comunicação do usuário. Ele é impaciente, quer fazer outras coisas, quer uma solução rápida e fácil, então, vai para o Google, ao invés de ir à biblioteca. O que fazer? Há uma falha entre estilo de comunicação da biblioteca tradicional e expectativa. É nosso papel eliminar esta distância.

Precisamos nos preparar para nos comunicarmos, especialmente através de treinamento especial. Precisamos conhecer novos caminhos, conhecer sobre formatos, criar novos serviços. Quais são os passos que nós demos? Os nossos bibliotecários devem saber mais sobre mídia social. É preciso trabalhar nossos tutoriais eletrônicos na *Web*, tem-se muito para fazer, para torná-los de uma forma multimídia e interativa. A minha universidade é especializada em jogos de computador, e talvez os treinamentos em minha biblioteca serão utilizando jogos. É um desafio sem fim informar nossos usuários o que temos para eles, os serviços que oferecemos, eles nunca sabem, a gente nunca termina de contar. Ferramentas, treinamentos para iniciantes, treinamento para alunos de graduação, pós-graduação, ou seja, não é apenas para eles virem para a biblioteca, oferecemos tutoriais e treinamentos eletrônicos. Oferecemos uma série de cursos básicos, intensivos, avançados sobre pesquisadores, como gerir, fazer dissertação, gesto de referências de forma eletrônica.

Temos que aperfeiçoar nossas competências técnicas, temos muito treinamento interno e fornecemos material para aprendizado eletrônico aos nossos contratados. Para cobrir as necessidades das duas primeiras partes de um ciclo de vida de um projeto, precisamos de habilidades de transcompetência informacional. Um aspecto da pesquisa eletrônica é ter *software*, infraestrutura e comunicação para a pesquisa e habilidade de se comunicar para além dos limites de mídia, esta é uma parte importante. Conduzimos entrevistas estruturadas com os pesquisadores: como você trabalha? Do que você precisa para se comunicar com os seus colegas? Sempre pedimos um *feedback* dos cursos sobre transcompetência informacional. Fizemos pesquisa durante a conferência na cidade do Cabo, perguntando o que é importante para nossos clientes e pesquisadores, saberem no contexto de canais de comunicação.

Há outras unidades na universidade que estão envolvidas na educação extracurricular. Nosso presidente iniciou uma nova iniciativa para ensinar habilidades sociais. Temos um centro de ensino e aprendizado, centro de treinamento informacional, centro de bibliotecas, centro de ensino superior. Algumas questões que perguntamos aos nossos especialistas em informação: Quão importante você considera estas habilidades em ferramenta de processamento de palavras para nossos professores? Quão importante são habilidades para lidar com o Acrobat Reader, PDF, Reader, você conhece, sabe gerir esta informação? Você sabe o que é PHP? Proxi? São importantes para nossos alunos, leitores e pesquisadores saber o que é ISSN, DOI? Qual a distinção entre HTTP e HTTPS? Temos que saber por que não conseguimos acessar alguns sites. Seria bom conhecer o que é RSS. Queremos criar novos serviços, é importante saber quais destes formatos são importantes que conheçamos e saibamos utilizar, isto é transcompetência informacional. Respondemos e adaptamos nossos cursos a isso.

Na biblioteca tecnológica de Munique oferecemos seminários, apresentações, workshops sobre gestão de carreiras, transferências múltiplas, cursos de conhecimento informacional embutidos nos currículos, e os alunos ganham pontos por participar desses cursos. Oferecemos cursos para o pessoal administrativo.

Na IATUL há um grupo de interesse especial sobre a transcompetência informacional. Eles estão estabelecendo e desenvolvendo padrões e estrutura de trabalho para a transcompetência informacional, ideias novas, compartilhamento de experiência, querem dar assistência para desenvolvimento de programas para outras bibliotecas universitárias e como produzir documentos estratégicos.

### ***Perguntas e comentários:***

*Dirce Maris Nunes da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC) -*  
Quantas pessoas são necessárias para formar um grupo de trabalho?

*Sr. Reiner Kallenborn -* Primeiro vamos falar da estrutura que temos. Estabelecemos há dois anos um departamento apenas para a transcompetência informacional, para transferir todo conhecimento necessário não é suficiente. Temos um grupo de referencia virtual, que se comunica através de telefone, *e-mail*, vídeo, *chat*, *sms*, são dezessete pessoas, e depois temos um time de informação da biblioteca, formado

por corpo docente e alunos e pela administração. Há um time apenas para a administração, cada time consiste de cinco ou seis pessoas de todos os departamentos, umas sessenta pessoas envolvidas. É um início, mas não é suficiente. Muitos deles, especialmente o pessoal dos novos departamentos, estão envolvidos no desenvolvimento dos novos cursos para transcompetência informacional.

*Clériston Ribeiro Ramos (Universidade Federal do Rio Grande - FURG) – A IATUL já conseguiu definir estratégias para o que é uma ação estratégica inovadora?*

*Sr. Reiner Kallenborn - Não tenho certeza se entendi sua pergunta, ano passado tivemos um workshop sobre gestão da inovação, talvez tenha sido a primeira iniciativa da IATUL para estruturar a gestão da inovação.*

*Sra. Gwendolyn Ebbett - Acredito que parte da resposta para a sua pergunta, se a IATUL vai definir uma estratégia está a cargo de nossos membros, é isso que vai definir a inovação para a IATUL, porque é o que nossos membros estão fazendo. Agora que sei como suas instituições públicas e privadas trabalham, talvez podemos dar algumas sugestões de como ter mais sucesso, tentar compartilhar o que tornou alguns dos nossos projetos de inovação, tão positivos, você vai conhecer ideias para seu país enquanto grupo.*

*Sr. Reiner Kallenborn – Discutiu-se e chegou-se a conclusão de que seria importante ter um workshop sobre gestão da inovação e assim foi constituído. O comitê executivo, tesoureiro, secretaria e presidente, a IATUL é feita por membros. Vocês dizem o que querem e precisam em seu país e nós tentamos fazer isso acontecer. Temos um escritório muito pequeno com uma jovem muito motivada, e é isso, você define o que a IATUL é para você.*

*Elson Mattos (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC) – Foi uma das melhores palestras que já ouvi. Até então nunca tinha ouvido como ensinar o usuário a utilizar estas ferramentas. Acho que todos que trabalham na IATUL devem ser agentes da transcompetência. Queria saber como funciona em sua biblioteca, existe uma equipe que executa a transcompetência, ou todos fazem parte?*

*Sr. Reiner Kallenborn* – Temos um departamento pequeno de oito pessoas só trabalhando na transcompetência informacional. Temos três grupos, um de referência virtual, devem saber essas habilidades de transcompetência informacional, temos outros oito grupos com cinco ou seis pessoas, envolvidos com o ensino da transcompetência informacional. Vou dar alguns outros exemplos: ontem foi perguntando o que a IATUL pode trazer, o grupo de interesse especial de transcompetência informacional eles querem compartilhar os tutoriais eletrônicos, eles traduzem os tutoriais para o inglês e vamos receber os tutoriais eletrônicos, material de aprendizado eletrônico de outros membros da IATUL, vamos colocar no servidor e compartilhar. Este é um efeito de bola de neve, pode fazer muita diferença.

*Magda Ramos (Universidade Federal de Santa Catarina - UFSC)* – Em dezembro fiz a defesa de minha tese de doutorado que foi sobre *information literacy*. Mas, vi a partir de sua palestra, que há muita coisa para se fazer ainda pela frente, as bibliotecas precisam capacitar seus bibliotecários para que consigam trabalhar a competência de seus usuários. Na defesa da minha tese, um dos professores da banca perguntou quais dos pilares da competência eu achava mais importante: conhecimento, habilidade, atitude. Eu respondi a atitude, pois as organizações selecionam seus funcionários pelo conhecimento e experiência, mas são demitidos por suas atitudes.

*Sr. Reiner Kallenborn* – Descobrimos durante o workshop que nosso trabalho é extraordinário, não se pode fazer nada sozinho, é preciso ter grupos como esse, vai além das barreiras, nacionais.

*Elilson Rodrigues Góis (Universidade Federal de Pernambuco - UFPE)* – Você apresentou os cenários na Alemanha, um país mais desenvolvido. Quanto tempo durou a experiência de colocar estas equipes para trabalhar e fazer os grupos? Você aplica uma ideia, uma experiência exitosa dependendo da situação vivida?

*Sr. Reiner Kallenborn* - Eu não concordo exatamente com você, não gostaria de fazer comparações. Você tem suas prioridades e pode nos ensinar, e nós podemos

complementar, e se apoiar, eu tenho certeza. Uma jovem ontem disse que sempre tinha a impressão que o seu trabalho é pior do que o de outros países, não é verdade. Temos que distinguir serviço de excelência de excelente marketing de serviços. Durante minha permanência aprendi muito sobre vocês, seus desafios, ontem em uma de minhas apresentações, falei que temos muita sorte em minha universidade, pois tivemos a chance de re-estruturar a biblioteca. Nosso presidente é muito forte, sabe como lidar com os reitores, de outras formas não teríamos isso, precisamos ter um conhecimento prévio, todos começam no seu próprio nível, você tem um desafio, mas compartilhando informações e experiências, podemos se ajudar, para estabelecer objetivos junto a seus superiores. Vocês são brilhantes, as prioridades é que são diferentes.

## **9 PALESTRA: DESAFIOS DO TRABALHO EM PROJETOS INTEGRADOS: EXPERIÊNCIA DA USP EM PARCERIAS INTERNAS E EXTERNAS**

***Palestrante:** Sueli Mara Soares Pinto Ferreira - Bibliotecária e Coordenadora do Sistema Integrado de Bibliotecas da Universidade de São Paulo – SiBi/USP (Brasil).*

Alguém disse que as bibliotecas vão acabar, mas para mim quem vai acabar são os bibliotecários, se não mudarem para acompanhar as novas exigências. Nós enquanto bibliotecários, não conseguiremos trabalhar efetivamente em parceria com outros profissionais, não somente em âmbito internacional, mas também nacionalmente. Nós não sabemos tudo, precisamos trabalhar em parceria com outros setores, nós sempre seremos parte de um todo.

A nossa experiência, é que as parcerias dentro da instituição são as mais complicadas. A USP é enorme, é como se fosse vários países juntos, há concorrências, competições internas, e não apenas entre a biblioteca e os bibliotecários, mas competição entre as bibliotecas e a informática. Temos um problema sério de defasagem de tecnologia, e passamos muito para a área da informática desenvolver, eles são parceiros, mas nossos projetos não são simples.

Estamos em 11 cidades do estado de São Paulo (SP), temos praticamente 130mil pessoas, seis mil docentes, 16 mil funcionários. Como saber quais trabalhos são publicados na USP? Como gerenciar a produção científica? As bibliotecas não estão tendo que desenvolver bibliotecas digitais porque existe tecnologia, porque

está fácil, mas porque estão saindo para o espaço de gerenciamento estratégico para as nossas instituições.

Acervo, todas as bibliotecas tem, mas o que nos diferencia é a produção da universidade, não apenas ter para armazenar, para aumentar a visibilidade, para dar suporte as estratégias de decisão das reitorias, pró-reitorias, mas por questões acadêmicas, não apenas por cinco, seis, ou dez anos, elas tem uma finalidade acadêmica imprescindível. Precisamos pensar no armazenamento não apenas por conta da memória, do uso, empréstimo, mas do ponto de vista legal, administrativo, cientometria, fatores de impacto. Esta mudança é de uma responsabilidade maior, faz com que tenhamos que trabalhar em parcerias com outras equipes.

Na USP temos 27mil trabalhos, a USP tem uma legislação a muitos anos que cabe a biblioteca ter a produção científica registrada, mas registramos artigos de revistas, temos uma quantidade enorme de produção acadêmica, artística, objetos de aprendizagem, dos professores. Algumas universidades hoje, ainda depositam a produção científica na Biblioteca Nacional. Somos 74 bibliotecas, mil pessoas, 340 bibliotecários formados. Ano passado tivemos 1,5 milhão de empréstimos, 14 milhões de *downloads*. Quanto estamos nos aproximando do usuário? Eles não estão vindo. 2,5 milhões de livros, 60 mil coleção digital de teses digitalizadas, mais de 120 mil teses defendidas. Estamos trabalhando especificamente em três grandes frentes de atuação: 1) criar infraestrutura para o sistema de bibliotecas tratar a produção científica da universidade; 2) desenvolver competências informacionais; 3) gerenciar recursos informacionais.

Nosso projetos integrados em relação à produção científica:

- 1) *Teses*: biblioteca digital de teses e dissertações - estamos tendo uma discussão mais próxima junto aos programas de pós-graduação para criar as políticas de desenvolvimento da coleção. Participamos da Biblioteca Digital de Teses e Dissertações do Ibict (BDTD).
- 2) *Portal das Revistas Científicas da USP* – iniciou em 1986. Temos 105 revistas, 50 mil artigos. Este ano estamos trabalhando na política de publicação eletrônica, publicação científica, tentando profissionalizar nossas revistas. A partir do momento que temos uma plataforma eletrônica única, quem irá manter esta plataforma? o trabalho casado com os editores é fundamental, não é simples. Estamos tentando fazer na USP, temos 200 títulos correntes, e só 105 cadastrados no Portal. Precisamos atraí-los. Estamos tendo a possibilidade de trabalhar de maneira integrada, inclusive com relação a própria verba. Estamos montando estratégias não de oferecer verba, mas o serviço. Compramos um *software* identificador de plágio, o DOI em todas as revistas,

protocolos para expor os metadados dos trabalhos publicados diretamente no repositório institucional. A partir do momento que temos um único portal, podemos começar a fazer estas discussões. Nosso portal é de acesso aberto. Todas estas discussões são envolvidas com o jurídico, etc... Estamos trabalhando em contratar um serviço de tradução, uma série de outros serviços que tem haver com gestão da informação interna.

- 3) *Repositório Institucional da Produção Intelectual* – é preciso convencer os próprios bibliotecários, não é apenas fazer um *link* no *Aleph*. Até que ponto todos conhecemos o processo da comunicação científica? Sabemos comprar, indexar, mas como ela se consolida, a submissão de trabalhos, etc... Quem tem a forma de contrato é o professor. Então, trabalhamos muito com o auto-arquivamento, o que arrepiava muitos bibliotecários. Temos outros trabalhos mais relevantes para fazer do que ficar catalogando, ele tem a informação, sabe o que foi adquirido.

Temos uma série de necessidades, inclusive de trabalhar junto com a informática, parceiras entre portais, IEEE, de maneira mais rápida e automática possível. Temos que começar a trabalhar juntos. Estamos digitalizando as obras raras, montamos um laboratório. Temos também um projeto para criar oficinas em contêineres móveis, o Sistema de Bibliotecas avança para o interior. Possuímos várias bibliotecas temáticas. Temos trabalhado a formação, promovendo uma série de *workshops* em parceria com as pró-reitorias de pós-graduação. Estamos fazendo uma pesquisa com a pós sobre o plágio, a percepção de plágio. Também estamos atentos as necessidades da pró-reitoria de pesquisa para atendê-las.

Do ponto de vista gerencial, é o que fizemos para sanar o problema de tantas revistas, acervos e bibliotecas digitais. Em 2011 implantamos um portal de busca integrada (sistema de descoberta), usamos o Primo (fornecedor Ex Libris), que faz a integração de tudo o que temos, revistas, repositórios, bibliotecas digitais. Já indexamos 77 mil títulos de revistas. Essas são as estratégias de gestão que as tecnologias estão nos possibilitando, criamos uma infraestrutura do Sistema de Bibliotecas: portal que integra nossas revistas, catálogo do acervo, teses e dissertação, biblioteca de obras raras, Portal Capes, etc...

Precisamos trabalhar integrado com o banco de pessoas nas nossas universidades. A biblioteca tem que ter um banco corporativo, para acompanhar as mudanças na instituição. Os alunos que passaram de mestrado para doutorado. Precisamos estar vinculados ao banco de dados da instituição, não é o banco da biblioteca que vai dar conta disso sozinho.

### ***Perguntas e comentários:***

*Nivaldo Oliveira (Universidade Federal de Lavras – UFLA) – Implantamos o Repositório Institucional em fevereiro de 2013, e estamos enfrentando dificuldades para o auto-arquivamento. Como enfrentaram essa questão para mobilizar os professores?*

*Sueli Mara Soares Pinto Ferreira – nossa dificuldade é primeira com os bibliotecários, que precisam se convencer de convencer os professores. Quando fomos comprar o sistema de busca integrada, muitas universidades no exterior nos diziam: serão dois problemas, normalização e bibliotecários.*

## **10 PALESTRA: CANADIAN RESEARCH LIBRARIES: A HISTORY OF COOPERATION**

***Palestrante:*** *Gwendolyn Ebbett – Diretora da Library at the University of Windsor (Canadá).*

Os mesmos problemas que encaramos no Canadá, nos EUA, na Alemanha, em todos os lugares, e como estamos tentando solucionar são muito parecidos. Podemos compartilhar e aprender uns com os outros.

As Bibliotecas de Pesquisa Canadense – CAL é um grupo de 29 bibliotecas universitárias no Canadá, que colaboram entre si. São quatro grupos regionais, grupo das bibliotecas de Ontário, grupo de outros territórios que tem ramificações e programas tocados por cada uma das universidades. É um país muito grande.

O CAL começou em 1996, atualmente há 29 bibliotecas membros, incluindo a biblioteca do parlamento. Nossa missão é fornecer liderança para nossas bibliotecas de pesquisa e melhorar suas capacidades de educação superior e pesquisa. O governo nos procura quando quer saber o que fazer na educação superior.

Direções estratégicas: a) a visão das bibliotecas canadenses. Queremos redefinir nossos serviços para o século XXI; como manejar os repositórios, como nos conectamos com todos eles, o que está nos arquivos, nos museus, por todos os lados; queremos estimular a digitalização de todo o material histórico canadense, queremos que fique disponível, queremos facilitar a colaboração, compartilhar,

preservar a nossa herança, o governo nos procura para respostas, queremos continuar a ser a voz dessas bibliotecas, isso significa que temos que saber usar ferramentas de acesso, apoiar o acesso a pesquisa, queremos conseguir ligar com o ciclo de pesquisa do início até o final. Apoiando a pesquisa fazemos *lob* junto ao governo para mudar os direitos autorais, para facilitar o nosso trabalho de disseminar abertamente a pesquisa que alunos e professores fazem.

O CAL hoje é, cada vez mais, necessário. Nos tornamos muito ativos, os membros são os diretores, líderes de bibliotecas. Temos três comitês principais - comitês de bibliotecas de pesquisa, relações públicas, e disseminação da pesquisa - e além desses temos comitês de pessoas que trabalham juntas em questões específicas. A maioria dos projetos nacionais veio do CAL e depois se tornaram independentes. Sou presidente do comitê de pesquisa, que tem por objetivo melhorar os sistemas de bibliotecas para facilitar o trabalho dos pesquisadores, política pública, acesso aberto.

Nos últimos anos, estabelecemos financiamento, um para bibliotecários que estão fazendo pesquisa, e outro para nossos alunos que acabaram de se formar e estão trabalhando conosco, para que tenham dinheiro para conseguir ajuda naquilo que precisarem, preparar suas pesquisas, damos 2 mil dólares para cada um. Entre dois ou quatro anos esperamos que eles produzam algo e tragam para nós mostrar para a diretoria como foi gasto o dinheiro.

Fizemos um *workshop* para avaliação da biblioteca. O que faz um bom acesso? Quais ferramentas tornam um bom acesso? Temos uma revista que ranqueia todas nós. Fazemos uma coleção anual de estatística, desde 1976. Todos os anos criamos estatísticas e deixamos disponível no CAL. Temos uma base de dados muito consistente e muito grande. Este ano trabalhamos com a associação das bibliotecas de pesquisa. Decidimos a pedido dos nossos bibliotecários que queriam fazer pesquisa, tornar-se professores universitários, muitos já tem este *status*, isso significa pesquisar e publicar. Instituímos que vamos ensinar nossos bibliotecários como ter sucesso na pesquisa, criar ideias de pesquisa e publicar isso. Quem ensina são colegas bibliotecários que fizeram uma biblioteca de pesquisa. Identificação de novas habilidades e *workshop* de treinamentos que precisamos criar para prover estas habilidades.

Decidimos recentemente que nosso acervo especial é o que diferencia cada instituição, podemos compartilhar, mas dizemos é aqui que seremos diferentes. Ao

invés de brigarmos, respeitamos uma a outra. Somos muito competitivos, mas decidimos que temos que trabalhar junto.

Durante os últimos cinco ou seis anos trabalhamos bastante para formar lideranças. Os recursos humanos não preparam pessoas para a sucessão, não teríamos novos líderes. Publicamos as principais competências necessárias para os bibliotecários no século XXI.

O segundo comitê está trabalhando muito sobre a comunicação acadêmica e o acesso aberto. Mas recentemente sobre gestão da informação, ciclo completo da pesquisa, como prover acesso a todos os estágios da pesquisa. Temos trabalhado com as políticas de acesso. Os conselhos estão trabalhando com bibliotecários para fazer um rascunho. Temos as regiões e cada região tem regras diferentes, então é complexo, os grupos compartilhando estamos progredindo mais rápido. Promovemos *workshop* de direitos autorais para os bibliotecários, *workshop* do corpo acadêmico para não assinarem contratos com os editores que depois vão proibir o acesso aberto. Estamos trabalhando com a associação canadense de periódicos, porque tem financiamentos diferentes, publicar através do acesso aberto é uma ideia totalmente nova para eles. Estamos desenvolvendo um curso de gestão da informação.

As bibliotecas estão compartilhando as melhores práticas, temos menos recursos para pessoal hoje em dia, muitos bibliotecário estão chegando a conclusão que se compartilharem não precisam criar todo o trabalho.

Queremos fazer muito mais com relação aos sistemas de gerenciamento do aprendizado eletrônico. Nosso país é muito grande e tem comunidades muito isoladas. Acreditamos que somos as pessoas para falar disso junto ao governo, acesso a *Internet*, preço justo para acessar.

Uma das coisas mais interessantes que fizemos foi criar uma situação de troca de ideias. Decidimos que teríamos que nos tornar mais internacionais, olhar um pouco mais para fora, alguns de nós iríamos nos organizar para visitar alguns países, começamos com a Austrália, Rússia, Inglaterra, países escandinavos, fomos para a China. A cada três anos guardamos dinheiro, nos planejamos e fazemos isso, um grupo de 15 pessoas. Visitamos 14 bibliotecas em 12 dias, foi cansativo, mas foi fantástico. Isso nos ajudou muito, votamos agora que na próxima vez viremos para o Brasil. Acreditamos que isso vale muito, aprende-se muito a compartilhar experiências, como estamos fazendo agora.

Enquanto diretores de bibliotecas toda semana 4 pessoas do pessoal relatam sobre tudo o que tem acontecido no Canadá, e em todo mundo, em relação ao nosso trabalho.

Os projetos que iniciaram e cresceram e se tornaram independentes:

- 1) *CRKM* – receberam 50 mil dólares para um projeto piloto em 1990. Precisamos urgir como uma nação quando licenciamos recursos. Estabelecer uma licença modelo, e determinar os termos. Se vamos licenciar recursos, tudo o que estiver pagando por estes cursos, decidimos que podemos ser mais fortes juntos. As bibliotecas universitárias são quem faz a universidade funcionar.
- 2) *Canadiana* – preservação da herança nacional. Decidimos que precisávamos criar um modo de ajudar a digitalizar a coleção de nossos pequenos museus e comunidades e sociedades históricas. Eles desenvolvem e preenchem um banco de dados, são 40 instituições principais filiadas, 3.500 mil páginas dos anos de 1600 até 1949, 21 idiomas, na coleção neste momento.
- 3) *PKP* – começou um projeto nacional tínhamos cinco universidades em Ontário, queríamos construir uma infraestrutura de *software* que permite que nossos pesquisadores e líderes publiquem em acesso aberto. Um exemplo maravilhoso de algo que esta se espalhando pelo mundo. Começamos com periódico, e depois migramos para conferências e recentemente listamos *software* para monografias, sistemas de indexação para o OJS, OCS e outros recursos. Acreditamos que isso é maravilhoso e estamos felizes em compartilhar isso. Vemos um grupo fazendo isso e um grupo do CAL decidiu fazer isso, contratou mais programadores, e concorremos a um fundo do governo, chegamos a 30 milhões, e por isso muito de vocês tem acesso a isso.

Acreditamos que participar da IATUL tem muitos benefícios nacionalmente e internacionalmente, e esse é um para mim. Espero que alguém fique interessado em visitar minha biblioteca.

### ***Perguntas e comentários:***

*Dirce Maris Nunes da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC) –*  
Você falou que algumas bibliotecas que fazem parte desse conjunto de bibliotecas têm níveis diferentes de participação?

*Gwendolyn Ebbett* – Dos 29 membros cada um tem um voto, não importa o tamanho. A participação é voluntária, depende da energia, do entusiasmo e do desejo.

*Dirce Maris Nunes da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC) –*  
Como vocês decidem o que será abordado (temática), financiado naquele momento pelo grupo?

*Gwendolyn Ebbett –* Tudo o que fazemos precisa se encaixar num desses grupos, e com nossa missão. Uma vez isso dito, qualquer coisa pode ser aprovada. Todos os institutos de pesquisa, os temas, muita coisa surge da equipe de bibliotecários, precisamos encontrar um jeito de trabalhar juntos em algumas ideias de pesquisa que temos. Gostamos de inovação, queremos estar à frente das associações. Alguns de nós temos muitas ideias, e nem todas são aceitas pelo grupo, às vezes vem dos governos, dos bibliotecários, uma pessoa comum pode fazer proposta, e trabalhamos por consenso.

*Joao Oscar do Espírito Santo (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC) –*  
As publicações nacionais brasileiras estão em um processo de ascensão assim como todas no mundo. Estamos no OJS que é um produto do PKP, existe ou é possível desenvolver um *plugin* dentro do OJS que consiga exportar dados do *Pubmed*.

*Gwendolyn Ebbett –* Estamos trabalhando na melhoria do *software*.

*Sr. Reiner Kallenborn –* Em nossa biblioteca, o início do *network* foi a catalogação conjunta, em outros países ainda tem sistema local de catalogação na biblioteca, qual a situação em seu país?

*Gwendolyn Ebbett -* Ainda está misto, o portal acadêmico é um bom exemplo. Decidimos que não queríamos catalogar todos os artigos de periódicos, então depositamos no portal acadêmico e nossos pesquisadores podem encontrar qualquer coisa que queiram lá. Tentamos criar um catálogo único para não precisarmos catalogar. Mas, para fazer isso em todo o país tem muita competição, inveja, estamos trabalhando com muita desconfiança, temos um catálogo na biblioteca nacional, mas cada um de nós ainda tem que produzir os próprios catálogos. Algumas almas bravas terão que se juntar.

## **11 ADDRESSING ACADEMIC LIBRARIES CHALLENGES IN AFRICA THROUGH COLLABORATION.**

***Palestrante:** Elisha Rufaro T. Chiware – Diretor das Cape Peninsula University of Technology Libraries (África do Sul).*

Apresentou o cenário da educação superior na África, ressaltando o valor das bibliotecas acadêmicas no setor da educação superior e os desafios que enfrentam em termos de entrega de serviços, e as associações colaborativas.

A educação superior na África é muito importante, tem um papel fundamental no desenvolvimento das pessoas, especialmente no setor civil. Porém, o alto número de desafios que encontram, sendo um dos maiores a questão do acesso. Pode-se dizer que o setor está crescendo em termos de matrículas, mas globalmente, se comparado ao restante do mundo, ainda estão muito atrasados. Outra questão é a desigualdade entre os gêneros, as meninas ainda continuam em casa, e por causa disso, é difícil encontrar mulheres no setor da educação superior, por conta da crença cultural. Com o tempo isto está começando a ser abordado. Outra questão, neste setor, é que há um sentimento de que muito desse setor não está abordando as prioridades de desenvolvimento do continente. Acredita-se que é preciso fazer muito mais nesse sentido. Na África o nível dos professores e pesquisadores é muito baixo, não tão bom quanto nos outros lugares do mundo. Em termos de gestão, percebe-se uma dificuldade em lidar com os recursos. As vezes as universidades mais pobres pagam salários mais altos. É um desafio em termos de quem está liderando. Novamente quando se fala de pesquisa, ainda é fraca e não se aplicam as mudanças sociais econômicas. É preciso mudar em termos de construir tecnologias apropriadas.

Existe uma desconexão crescente em termos da relevância das bibliotecas. Em 2013 vimos um relatório falando do valor das bibliotecas acadêmicas em países em desenvolvimento. Como as bibliotecas estão sendo valorizadas especialmente na fase do desenvolvimento das tecnologias. Na associação de bibliotecas universitárias da África há uma discussão de como estão melhorando a excelência acadêmica. Os administradores estão se dando conta do valor das bibliotecas. Dentro da educação superior estamos sempre tendo pedidos para demonstrar o valor das bibliotecas em um projeto acadêmico.

Quanto aos desafios, não são só na África, mas mundiais. Talvez na África seja mais profundo, mas acredito que os problemas são mais ou menos os mesmos. Um desafio mundial é a questão dos fundos. Mesmo que haja mais financiamentos não há recursos suficientes para apoiarmos as bibliotecas. Esta é uma questão global. Outro desafio é a questão do acesso a informação. Pode-se dizer que na África, devido ao alto número de projetos, a informação está amplamente disponível, mas o maior problema está com relação ao acesso: infraestrutura técnica, aceitação do usuário, corpo docente e estudantes. Nós como bibliotecários temos o dever de dizer que existem os recursos. Em termos de tecnologias há muitas questões, conectividade de banda larga, é muito difícil ter uma boa conexão de *Internet*, em muitas áreas. As nossas inteligências muitas vezes mudam para o mundo desenvolvido. Investe-se muito nos alunos, para eles permanecerem no país, mas eles preferem estar em outros lugares. Acredito que isso aconteça em outros países em desenvolvimento.

As bibliotecas eram o coração das universidades, mas com o tempo foram perdendo esta posição. A apreciação da biblioteca dentro do projeto da universidade está caindo. Como bibliotecários ainda queremos lutar pela posição. Junto queremos mostrar que somos parceiros.

A instabilidade econômica e política tem um grande impacto nas bibliotecas. Elas estão sempre no final da lista. O crescimento rápido do número de alunos nas universidades, cresceu muito nas últimas duas décadas, teve um efeito negativo nos recursos que temos, porque as bibliotecas não cresceram no mesmo passo. Não temos dinheiro suficiente para construir novos prédios, para duplicar os recursos. Isso apresenta problemas especialmente na questão da infraestrutura física: sem eletricidade, não se consegue se conectar online, não se tem ar condicionado nos prédios, os alunos ficam muito desconfortáveis. Estamos tentando abordar estes problemas através da colaboração.

Na África estamos pensando no planejamento incluindo desenvolvimento de estratégias, e formas de medir o sucesso. É necessário dividir os recursos construídos conjuntamente, ou contratados conjuntamente, para que tenhamos comportamento padrão com relação aos recursos. Os consórcios estão por todos os lugares, é uma solução muito eficiente para que tivéssemos plataformas comuns. Estamos esperando por esses projetos. A associação dos diretores de bibliotecas tem abordado alguns temas específicos, como iniciativas de acesso aberto.

Existe uma instituição africana que anualmente promove uma academia de liderança, com o objetivo de desenvolver lideranças na África. Percebe-se que as bibliotecas estão aplicando os resultados das pesquisas, porque elas estão sendo publicadas. Um projeto em comum, os padrões de transcompetência informacional há muita liderança nisso.

Estamos envolvidos em muitas pesquisas duplicadas, gostaríamos de compartilhar *expertise* técnica para outras regiões, outros países. Esta é uma questão muito importante, muitos pesquisadores saem dos países ao concluírem suas teses.

Acredito que devemos continuar a demonstrar o valor das bibliotecas através da advocacia e o alinhamento dos objetivos das universidades. Diariamente a gente consome todo o frango que vem do Brasil na África, então, podemos compartilhar em outros setores.

### ***Perguntas e comentários:***

*Pergunta 1* - Como é a formação do bibliotecário na África do Sul (nível de graduação ou pós-graduação)?

*Elisha Rufaro T. Chiware* – A formação dos bibliotecários é uma qualificação de quatro anos, em poucos ambientes tem-se pós-graduação.

*Sr. Reiner Kallenborn* – A África é muito grande e fala-se sobre colaboração dentre os bibliotecários, há alguns países que são mais estáveis e mais desenvolvidos, como consegue trazer as vantagens da colaboração com os países pobres?

*Elisha Rufaro T. Chiware* – É difícil responder sua questão, é um problema falar sobre a África como um todo. A África do Sul é muito mais desenvolvida do que as outras partes do continente africano. No Oeste tem-se um nível interessante, mediano de desenvolvimento, mas no Leste há países com muita dificuldade. Quando há muita instabilidade política é difícil falar destas situações, porque não há esperança. Em alguns lugares da África isto está acontecendo.

*Pergunta 2:* Quanto a formação dos futuros bibliotecários, há cursos aborem a formação humanística deste profissional de forma a auxiliar em sua educação crítica? Você acha que em um ano ou dois somente é suficiente?

*Elisha Rufaro T. Chiware* - Vou dar meu próprio exemplo. Estudei por um ano na escola de biblioteconomia, depois de estudar política e economia. Esta é a abordagem na Europa e nos EUA. Estive numa escola para bibliotecários há seis ou sete anos atrás, e a maioria era a terceira escolha deles, não a primeira, então, ou os pais obrigaram a escolher qualquer coisa, o curso que tivesse menos exigência, há muitos alunos que só foram para lá para encontrarem uma oportunidade de fazer uma faculdade. Defendo treinar bibliotecários que realmente optaram por esta formação, bem informados, não os que foram forçados a escolher este curso.

## **12 PALESTRAS: PROJETOS COLABORATIVOS NA UFSC**

### **12.1 Indexação Compartilhada de Artigos de Periódicos (ICAP)**

*Palestrante:* João Oscar do Espírito Santo - Bibliotecário Chefe da Divisão de Assistência aos Usuários da Biblioteca Central da UFSC (Brasil).

Falou sobre a Indexação Compartilhada de Artigos de Periódicos (ICAP), um dos produtos da rede Pergamum. A ICAP teve início em 2005, num dos encontros da rede Pergamum, e surgiu da necessidade de deixar dentro de um único banco as publicações periódicas ou não, que estivessem não somente em bancos locais, mas deixar na *Web*. O objetivo da ICAP é criar um serviço compartilhado de artigos de periódicos nacionais pelas instituições que fazem parte da rede Pergamum, além de divulgar as publicações científicas, promover o acesso rápido e cooperativo, otimizar o trabalho do bibliotecário indexador. Atividades que exigem um processo repetitivo devem ficar a cargo das máquinas e não do ser humano.

Instituições que não publicam periódicos podem indexar, desde que outras bibliotecas recebam o título para ser indexado. A ICAP inicialmente, era de material impresso, os periódicos *online* são um tanto recentes. Para o periódico *online* a instituição deve disponibilizar o *link* na *Web*.

Os critérios para participação: ser uma instituição integrante da rede Pergamum; assinar o termo de compromisso; informar quais os títulos de periódicos

serão indexados. Periódicos que só possuem a versão impressa podem ser indexados. Criou-se dentro da plataforma da ICAP um serviço de comutação bibliográfica, para os periódicos que não tem a versão *online*.

Atualmente a ICAP possui 44 instituições cooperantes, 173 títulos indexados, 20.270 artigos, é possível gerar estatísticas, relatórios, a partir da área interna.

A indexação do artigo é feita no Pergamum, após este processo é feita uma abertura na porta do nosso servidor e em um momento o servidor da PUC/PR faz uma visita no servidor da universidade para rastrear os dados. Considerando que uma atividade feita, não deve ser repetida, fica a sugestão para o Pergamum, creio ser oportuno, desenvolver um *plugin* dos portais de periódicos, para migrar diretamente para o Pergamum e a partir do Pergamum para a ICAP. A Gwen que tem uma relação direta com o PKP pode nos ajudar neste sentido.

## **12.2 Portal de Periódicos da UFSC**

***Palestrante:*** *Andréa Figueiredo Leão Grants - Bibliotecária Chefe do Serviço de Periódicos da Biblioteca Central da UFSC (Brasil).*

Falou sobre a experiência da equipe da UFSC na gestão do Portal de Periódicos UFSC. Apresentou um histórico do Portal para resgatar como iniciou o processo. As primeiras iniciativas foram em 2006, dos professores do Departamento de Ciência da Informação da UFSC. Em 2007 passou por um processo de reestruturação. Em maio de 2008 foi feito o lançamento oficial do Portal e no final do ano a gestão foi transferida para a Biblioteca Universitária e foram criadas as diretrizes do Portal, documento norteador de todo o trabalho. Em 2009 foi criada a incubadora, espaço que abriga periódicos iniciantes, ou que apresenta algum tipo de problema e precisam se adequar as diretrizes do Portal. Em 2009, iniciou o processo de implantação do *Digital Object Identifier* (DOI). Em 2011 foi lançado um *e-book*, em parceria com a Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), que apresenta o passo a passo, desde a submissão do manuscrito, até a avaliação e edição de texto, *leiaute*. Houve um aumento da adesão dos editores para o uso da plataforma. Em 2013 foi desenvolvido o regimento interno, que estabelece o funcionamento, as competências de cada membro, e a superintendência de informática (SETIC). Atualmente há 43 revistas científicas produzidas na UFSC indexadas no Portal; 17.715 itens publicados (entrevistas, artigos científicos, resenhas).

A visão do portal é ser o portal de periódicos referência em organização, padronização e recuperação das publicações científicas na América Latina. Tem por missão promover o acesso, visibilidade e pesquisa das publicações científicas periódicas vinculadas aos programas de pós-graduação, graduação, núcleos de pesquisas e laboratórios reconhecidos oficialmente pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Discorreu sobre o acesso aberto e o conceito de rizoma. Há uma relação que envolve o acolhimento, acúmulo, disseminação de processos textuais abertos, flexíveis e interativos. O rizoma representa uma metáfora da estrutura do conhecimento e é um caso de sistema aberto.

Abordou as principais características, tais como: heterogeneidade; conexão; multiplicidade; inexistência de unidade, trama e aumento de conexões; proliferações, apontamentos para uma correlação com o fora; princípio de ruptura; linhas de fuga que remetem a outras linhas de fuga.

A gestão do Portal de Periódicos se fundamenta em três princípios: visibilidade, credibilidade, padronização.

Para concluir, apresentou a página do Portal de Periódicos da UFSC na *Internet*.

### **12.3 Ambiente de Acessibilidade Informacional (AAI)**

**Palestrante:** *Karyn Munyk Lehmkuhl - Bibliotecária Chefe do Serviço de Referência da Biblioteca Central da UFSC (Brasil).*

Contextualizou a questão da acessibilidade no Brasil. Segundo o Ministério da Educação (MEC) o número de estudantes com deficiência no ensino superior, aumentou de 2mil para 20mil em 2010. As Instituições de Ensino Superior (IES) estão se adequando para oferecer condições igualitárias. Com relação às instituições públicas federais, o programa Incluir do MEC propõe ações para garantir o acesso às pessoas com deficiência às universidades federais.

Na UFSC, atualmente, têm-se a coordenadoria de acessibilidade estudantil. Inicialmente era um comitê, com pessoas voluntárias, não existia um espaço físico para o comitê se reunir. Em 2012 se instituiu o núcleo de acessibilidade, as pessoas tinham outras atividades e também trabalhavam em projetos da acessibilidade. O núcleo neste ano passou a ser coordenadoria, mudou o *status*, e o poder de ação. A

coordenadoria identifica os estudantes que ingressam por meio do sistema de controle acadêmico, juntamente com a coordenadoria do curso que ingressou, começam a se reunir para atuar junto ao estudante para resolver as barreiras físicas e relacionadas ao acesso à informação. Trabalham também em parceria com a Biblioteca Universitária. É um trabalho colaborativo extremamente forte. É mutuo uma simbiose.

O Ambiente de Acessibilidade Informacional (AAI) começou em 2006, como um projeto do serviço de referência, e ainda é vinculado hierarquicamente a este setor. Com os recursos e serviços que se consegue oferecer pode-se dizer que a partir de 2011 é que começou de fato atuar. No AAI é feito o atendimento ao usuário, disponibilizado acervo especializado, realizado a adaptação de materiais e empréstimo de equipamentos.

Havendo algum tipo de problema que dificulte o acesso a informação a coordenadoria de acessibilidade encaminha o aluno para o AAI, indicando que tipo de equipamento, adaptação de material serão necessários. Atualmente tem 24 estudantes, com deficiências visuais e/ou auditivas. O acervo também possui alguns periódicos e livros em braile, em mp3, DVD em libras, material cartográfico, boa parte elaborada pelo Laboratório Tátil da UFSC. Possui ainda tecnologias assistivas, teclados, mouses, lupas, *softwares* leitores de tela, impressora braile, *notebooks* que são emprestados durante um semestre. Este empréstimo depende muito da necessidade do aluno. Tem alguns equipamentos como o sistema FN para estudantes com pouca audição. Mas, a adaptação de materiais é a maior demanda.

Quando um curso tem um estudante que precisa de uma adaptação, como aumento da fonte, mudança no fundo da cor, contraste, os professores enviam o programa da disciplina no início do semestre para o AAI fazer a adaptação. Se o material já estiver *online*, facilita se não, faz-se a digitalização. O material adaptado é incluído no sistema da biblioteca, porém só tem acesso os alunos cadastrados no AAI.

São promovidos ainda alguns eventos - café com tato, seminário de acessibilidade (de dois em dois anos) - que visam conhecer mais sobre o assunto.

### ***Perguntas e comentários:***

*Dirce Maris Nunes da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC) –* Quais os critérios para a passagem de um periódico da incubadora para o Portal?

*Andréa Figueiredo Leão Grants –* As diretrizes estabelecem que primeiramente o Portal vai hospedar primeiro as revistas que tem vínculo com a universidade. Uma revista recém-criada passa um tempo na incubadora ate atingir alguns itens necessários (critério B2 de sua área de conhecimento, de acordo com o Qualis, ou o critério Scielo). Não existe um processo muito claro de migração automática de um servidor para outro.

*Pergunta –* Quem cuida da incubadora?

*Andréa Figueiredo Leão Grants –* Atualmente está sob a responsabilidade de alguns professores da Ciência da Informação. Se alguma revista que já está no Portal, apresentar algum tipo de problema, ela pode ir para a incubadora.

*Rita de Cassia Santana Jacques (Universidade Federal do ABC – UFABC) –* Qual a capacitação dos funcionários para atender no AAI? Quais as parcerias, quanto à acessibilidade, fora da universidade?

*Karyn Mynyk Lehmkuhl –* Com relação a capacitação, o AAI e a coordenadoria foram aprendendo um pouco na prática. As pessoas que trabalham hoje no AAI não tem nenhum tipo de especialização na área, atualmente é um auxiliar de biblioteca e dois bolsistas. Tem-se que melhorar esta questão. Em relação às parcerias, temos com a Associação Catarinense de Integração com o Cego (ACIC) e com a Fundação Dorina Nowill.

*Dirce Maris Nunes da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC) –* O número de funcionários do AAI é muito pequeno. Estamos iniciando um trabalho de institucionalizar o AAI para não ficar toda a responsabilidade para a biblioteca. Estamos iniciando uma conversação para que o AAI seja abraçado de forma institucional, o que queremos é que no futuro nunca falte funcionários para o AAI.

Estamos fazendo a mesma coisa com o Portal de Periódicos, tentando institucionalizar. Este serviço tem sido desenvolvido muito pelo amor a camisa das pessoas que acreditam. Estamos institucionalizando para dar mais apoio aos editores.

*Sr. Reiner Kallenborn* – Quanto a universidade colabora para este objetivo, ao acesso livre sem barreira, material especial, etc... Para alguém que está numa cadeira de rodas, um passo, pode ser um obstáculo para chegar até a biblioteca. Quais os investimentos para construir elevadores, eliminar as escadas, etc...?

*Karyn Munnyk Lehmkuhl* – A universidade tem esta preocupação, inclusive a própria coordenadoria é fruto desta preocupação, que antes era um grupo voluntário pensando nestas questões. De agosto para cá que a coordenadoria foi realmente instituída, eles tem um local para se reunir, tem pedagogos, psicólogos. São 111 estudantes no último levantamento realizado, com necessidades especiais, seja no acesso a informação, quanto a mobilidade. Existe a preocupação forte no acesso pleno, oportunidades iguais.

*Dirce Maris Nunes da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC)* – Quais os critérios para a indexação dos títulos na ICAP?

*João Oscar do Espírito Santo* – A ICAP hoje utiliza o critério B2 da Capes. É a referência para a área de sociais aplicadas, e os títulos são escolhidos utilizando este critério.

*Neide Aparecida Gomes (Universidade de Brasília – UnB)* - O AAI atende somente os alunos da universidade, ou é para outras pessoas que não possuem vínculo com a instituição?

*Karyn Munnyk Lehmkuhl* – No momento, considerando as limitações que já foram mencionadas aqui, estamos atendendo somente a comunidade da UFSC.

### **13 TROCA DE IDEIAS E CONSIDERAÇÕES FINAIS**

*Dirce Maris Nunes da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC)* – No decorrer destes dois dias conversamos, vimos muitas coisas e temos que fazer uma conclusão de tudo isso. Durante o evento vivenciamos o compartilhamento de algumas experiências de bibliotecas fora do país, também podemos conhecer práticas de bibliotecas universitárias brasileiras e Argentina. Este momento é dedicado ao esclarecimento de pontos que ficaram pendentes, compartilhar experiências e pontos de partida, estimular a network, trocar ideias, cartões pessoais, desta forma pretendemos tirar um bom proveito formalizando algumas ações e objetivos que temos enquanto biblioteca. Cada um poderá falar de sua experiência, o que lhe aflige. O que tem de experiência, que seja inédita, mais ou menos o que fizemos ontem, mas falarmos para o grande grupo. Vamos sair daqui com alguma sugestão.

*Beatriz Gabellini Alves (Universidade Federal do Triângulo Mineiro - UFTM)* – Nossa universidade é nova, já caminhamos muito, mas ainda temos muitas dificuldades, falta de apoio, ainda temos muito que avançar na questão da tecnologia, o país é muito grande e tem lugares ainda muito carentes.

*Marcia Valéria da Silva de Brito Costa (Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO)* - O que me aflige, é que falamos em cooperação, parceira, mas quando se trata do usuário, não desenvolvemos muito. Quais as necessidades? Qual o perfil? Como estão os estudos de usuários? Esta questão foi deixada um pouco de lado, a literatura não se tem muito sobre isso. Outra questão é que o Sindicato Nacional dos Editores tem um poder muito grande em nosso país. Por que os editores não nos oferecem os metadados, mesmo dos livros impressos? É uma reivindicação justa que podemos fazer.

*Luiz Atílio Vicentini (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP)* – Precisamos conversar mais, estabelecer metodologias, critérios de aquisição. No Ministério da Cultura, há uma nova proposta de lei de direitos autorais. A lei atual não permite, que a biblioteca nem mesmo faça o empréstimo de livros, se for seguir ao pé da letra. A parte da biblioteca na proposta de lei foi escrita pelo Sindicato

Nacional dos Editores de Livros. Teoricamente não podemos catalogar, indexar, digitalizar. Precisamos ficar atentos.

*Sueli Mara Soares Pinto Ferreira (Universidade de São Paulo – USP)* - Precisamos pensar em relação a uma série de impactos nacionais, até por conta de vista da acessibilidade. Mas, temos vários problemas com editores internacionais. Quanto mais tecnologia, mais eletrônicos, menos temos possibilidades de fazer coisas. Nós compramos o acesso, então, não se tem mais desenvolvimento de coleções, não se tem Empréstimo entre Bibliotecas (EEB), Comutação Bibliográfica (COMUT). Fora isso, estamos sendo engolidos por que temos que assinar as licenças. Há muitos problemas na área de aquisição.

*Mônica E. Santiago de Oliveira (Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro - PUC-Rio)* – uma coisa que acho ser um problema é que temos muito trabalho para desenvolver e uma equipe que parece que não vai dar conta. Temos várias questões de problemas com os usuários, e precisamos desenvolver, mesmo uma instituição privada que tem uma equipe razoavelmente grande.

*Dirce Maris Nunes da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC)* - Ontem durante o *brainstorming* fomos registrando as principais palavras que surgiram na socialização das discussões com o grande grupo. A maior incidência foi: as condições não muito boas para aquisição; necessidades de compartilhar as boas práticas; criação de uma rede de compartilhamentos; formação de grupos de trabalho; promover troca de conhecimento local, elaboração de protocolo da IATUL; criar a representação da IATUL no Brasil, criar redes temáticas, melhorar a comunicação, criar banco de talentos, tomar decisões em conjunto, conhecer pessoas.

*Luiz Atílio Vicentini (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP)* – A Comissão Brasileira de Bibliotecas Universitárias (CBBU), existe há muitos anos, e um dos objetivos é fazer esta integração das bibliotecas universitárias. Estamos fazendo? Quantas são filiadas a CBBU? A atual diretoria tem tomado algumas ações, justamente nesta linha. Os encontros regionais de bibliotecas universitárias, o primeiro encontro foi em Fortaleza, com a temática aquisição de *e-books*. O

encontro regional da região centro oeste, focando em planejamento, indicadores. A CBBU tem uma função de viabilizar os interesses das bibliotecas universitárias. A primeira reunião foi sobre indicadores de avaliação, onde foram discutidas as metodologias de avaliação de cursos, e qual a participação das bibliotecas. Fizemos uma série de indicações para melhoria dos indicadores de avaliação de cursos, que a CBBU tenha uma cadeira junto ao INEP, ao comitê que define as metodologias de avaliação. Uma segunda ação foi uma reunião do grupo de estudos de aquisição. A partir desta reunião, tivemos uma lista de discussão com mais de 100 pessoas já cadastradas, que tem trocado informações sobre a aquisição. A ideia é que a CBBU possa colaborar nesta integração. A CBBU tem condições de ajudar estabelecer grupos de trabalho e formar esta rede. Pretendemos ter grupos sobre referência e catalogação (tratamento da informação) estruturados. O cadastro de bibliotecas nacionais está defasado, numa plataforma antiga, pretendemos ter um novo banco de dados que possa gerar informações, indicadores, com gráficos das bibliotecas cadastradas. Filiem-se a CBBU. Falei com o Reiner para que ele envie um termo de convênio, para que possamos firmar parceria com a IATUL. Quero parabenizar a Dirce pela iniciativa do evento, a IATUL é muito bem vinda ao Brasil, e espero que consigamos fazer estas parcerias para o desenvolvimento das bibliotecas universitárias. Coloco a CBBU a disposição, vamos promover ações para fazer maior integração das bibliotecas universitárias.

*Dirce Maris Nunes da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC)* – A comunicação com a Capes é muito ruim, não há retorno. As assinaturas de periódicos são duplicadas, triplicadas. Quanto ao processo de aquisição discutiu-se a parte técnica, mas não se discutiu como podemos levar vantagens em aquisição, aquisição compartilhada. UFSC e UDESC assinam as mesmas bases de dados, e estão a 5 km uma da outra.

*Luiz Atílio Vicentini (Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP)* – A comunicação com a Capes, realmente é complicada. A última vez que a CBBU foi chamada foi em 2011, para o trabalho de algumas avaliações. Recebemos recentemente uma lista de periódicos porque a Capes vai fazer renovações. A comunicação tem que ser melhorada sim, não podemos ficar a mercê do conteúdo do Portal da Capes, têm também nossas necessidades individuais. A aquisição

compartilhada é muito fácil de ser viabilizada. A lista de discussão de aquisição pode tratar disso. Compilar estas informações e postar no site da CBBU. A ideia é poder disponibilizar estas informações para todas as bibliotecas, independente de estar ou não filiadas a CBBU. A partir de hoje, se for criar um grupo de capacitação com a IATUL a CBBU pode ajudar. Estamos trabalhando num modelo de negócio para os editores, são trinta e uma perguntas para as bibliotecas fazerem aos editores. Hoje temos muita facilidade tecnológica para a comunicação.

*Dirce Maris Nunes da Silva (Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC) –* Qual a nossa prioridade: Capacitação? Aquisição compartilhada? A UFSC pode encabeçar. Sobre a referência *online*, porque não fazer compartilhada, em nível estadual, regional? Vamos trabalhar juntos. Se vocês me permitem vamos compartilhar os *e-mails* deste grupo. Com relação à IATUL é uma oportunidade ótima de filiação para que eles possam nos passar a *expertise* que eles têm. Se precisarmos fazer um projeto, obter financiamento de um órgão internacional, a IATUL pode nos orientar. Foi apresentado o que a IATUL faz, o que pode fazer, os benefícios para as bibliotecas. Cada um de nós deve pensar e repensar como podemos tirar proveito disso tudo.

Realizaram-se os agradecimentos finais e deu-se por encerrado o *Workshop*.